

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúcifer[®]

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Simpósio 2022:

Introdução

Uma Verdade ou muitas verdades?

Como achar a verdade?

O ciclo da busca da verdade aplicado à evolução

Como viver a VERDADE?

Esoteric Teachings volume 9 por G. De Purucker

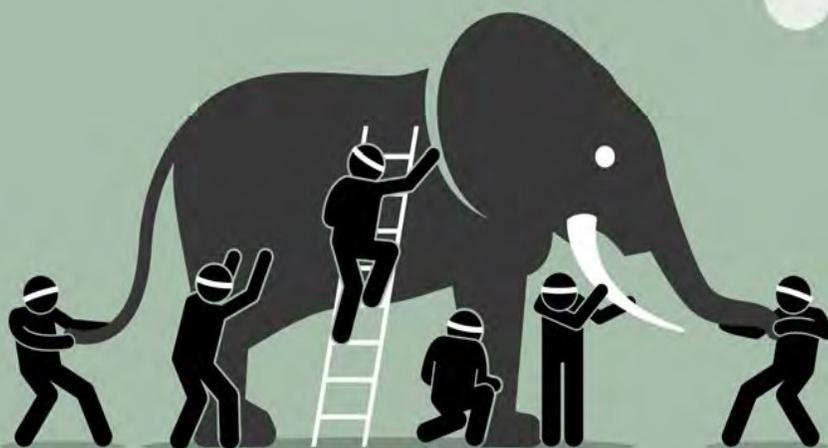
Portadores da Luz na nossa sociedade: Frans Douw

Porque é que esta revista se chama Lúcifer 'o Portador da Luz'?

Busca Independente da Verdade

Ache o seu caminho num mundo de 'fake' e 'ilusão'

Ache-se a si mesmo, seja você mesmo



Simpósio 2022

Abertura e introdução

p. 2

Como se faz: “Busca Independente da Verdade”?

Herman C. Vermeulen

Uma Verdade ou muitas verdades?

p. 4

Só pode haver uma Verdade sem limites: a Verdade que se relaciona com tudo o que existe e é aplicável em todas as circunstâncias e sempre. Se elaborarmos esta ideia central, nós chegar a uma compreensão profunda do que “verdades parciais” e “ilusões” são e como para encontrar o seu caminho neles.

Barend Voorham

Como achar a verdade?

p. 9

Esta palestra destaca a forma de encontrar a verdade. É gira em torno de uma constante tentativa activa de expandir os limites do seu compreensão. Os princípios de Teosofia desempenham um papel essencial neste contexto.

Erwin Bomas

O ciclo da busca da verdade aplicado à evolução

p. 14

No artigo anterior, descrevemos o ciclo de contar a verdade. Neste artigo mostramos quais conclusões este ciclo conduz, se você começar a partir de princípios universais e depois dar factos científicos, por exemplo sobre a evolução, um lugar.

Erwin Bomas

Como viver a VERDADE?

Procure você mesmo, seja quem é

p. 17

O que precisamos na nossa viagem interior? Para chegar à Verdade e tornar-se Verdade na prática da vida requer algumas condições, uma certa atitude em relação à vida.

Patricia van Lingem

Esoteric Teachings volume 9 por G. de Purucker

p. 22

Continuamos as nossas revisões de *Esoteric Teaching* (Ensinaamentos Esotéricos) de Gottfried de Purucker com volume 9.

Barend Voorham

Portadores da Luz na nossa sociedade

Frans Douw

p. 25

Os Portadores da Luz na nossa sociedade merecem a nossa atenção, porque eles podem inspirar-nos a activar o nosso potencial interior e trazer mais luz para o mundo. É por isso que começamos uma série de artigos em *Lúcifer* onde nós apresentar Portadores da Luz aos nossos leitores. Em esta edição a nossa atenção vai para a antiga director de uma prisão, Frans Douw.

Erwin Bomas

Porque é que esta revista se chama *Lúcifer o Portador da Luz*?

p. 28

No século XXI, os preconceitos ainda existem. Talvez um dos mais persistentes seja o representação de Lúcifer como o diabo. Mas Lúcifer é tudo menos um diabo, como demonstraremos em este artigo no qual explicamos porque é que a nossa revista chama-se Lúcifer.

Barend Voorham

Perguntas & Respostas

32

» Pratique o que prega



Abertura do Simpósio

Busca Independente da Verdade

No Simpósio Online *Busca Independente da Verdade* de Setembro 2022, o tema extraordinariamente actual da busca da verdade foi activamente explorado em três conferências e duas oficinas. A busca da verdade é um processo individual e independente. Mas como é que tal processo se desenrola? No seu discurso de abertura, Herman C. Vermeulen indicou a direcção em que devemos pensar.

Bem-vindo a este Simpósio.

O título do Simpósio de hoje é *Busca independente da Verdade*. Ainda assim, neste Simpósio, temos também dois subtítulos: *Encontre o seu caminho num mundo de falsidades e ilusão*; e: *Descobre quem você é e Sê quem você é*. Estes são itens essenciais que também gostaríamos de abordar nos workshops.

Os tempos em que vivemos hoje em dia precisam mais do que tudo de uma busca independente da verdade. As informações que recebemos podem ser muito contraditórias e opostas umas às outras. O termo que usamos hoje em dia é notícia falsa (*fake news*), mas ao longo da história da humanidade, tem havido informação falsa.

As máquinas de impressão foram amplamente utilizadas na nossa cidade de Haia nos séculos XV e XVI, e já imprimiram jornais falsos que custaram a vida a muitas pessoas. É por isso que as pessoas precisam de procurar de forma independente a

verdade e pesquisar as coisas que recebem como informação.

Como encontramos a verdade no enorme fluxo de informação que recebemos diariamente? Há uma grande necessidade de as pessoas aprenderem a encontrar e a investigar. Se deseja o máximo benefício deste Simpósio, deve incluir os dois simpósios anteriores na sua investigação. Em 2020 organizámos o Simpósio de *A Doutrina Secreta – A Teoria de Tudo*. O mais importante aqui é que demos três Proposições, pontos de partida universais. Nas palestras e workshops deste Simpósio, veremos quão vitais são estas Proposições. Em 2021 o título do nosso Simpósio foi *Ajuda para Construir a Mentalidade do Futuro*, no qual demos sete Fontes de Sabedoria, sete transformações características. Como se desenvolve a mentalidade universal, como se pode desenvolver um ponto de vista universal? As palestras destes simpósios podem ser encontradas no website de Blavatskyhouse no YouTube.

Uma das coisas mais importantes que gostaríamos de discutir consigo agora é que ninguém mais pode determinar a verdade por si. A descoberta da verdade é um processo independente que deve ser activado por si próprio. Claro que podemos ajudá-lo, por exemplo, tomando o nosso curso *Pensar Diferentemente*, mas tem de o fazer você mesmo. Se o fizer você mesmo, é confrontado com a pergunta: serei focado nos aspectos universais, os aspectos superiores em mim mesmo? Ou estarei focado nos aspectos inferiores, os transitórios, os temporários, tais como o aspecto emocional dentro de mim mesmo? Além disso, irá perguntar-se: como é que vou argumentar e analisar os factos? Como é que se pode provar o certo do errado? Encontrar o núcleo superior em si mesmo é a chave. Saber algo não é sinónimo de fé ou confiança. Saber alguma coisa é realmente um processo activo. Saber é tornar-se. Saber a verdade é ser a verdade.

Tenha em mente que somos a soma de todas as nossas emoções, sentimentos, e ideias que pensamos. A nossa mente pode compreender verdades maiores e universais e podemos treinar-nos para o fazer. O crescimento é um processo que deve ser feito por si mesmo; ninguém pode fazer isto por si. Pode puxar por uma planta, mas isso não a faz crescer mais rapidamente. Contudo, pode melhorar as condições para a ajudar a crescer, dando-lhe os nutrientes certos, a quantidade certa de luz solar, etc. Também pode ser estimulado, e o estímulo certo é importante; o estímulo activa o que está latente em si mesmo.

Neste Simpósio, queremos mostrar o processo de como encontrar a verdade e de como crescer passo a passo. Este ponto de partida, o seu ponto de partida, é o seu pensamento. O seu sentido da verdade não é estático, mas dinâmico. Esse aspecto dinâmico pode flutuar ao longo do dia. O nosso estado de espírito pode influenciar fortemente a forma como receberemos a informação e se estivermos motivados para a investigar e encontrar a verdade. A abertura do pensamento, o estado de maravilha, é um estado de consciência fundamental que lhe dá muitas oportunidades de considerar os acontecimentos com uma mente aberta.

A procura de provas de um ponto de vista pré-determinado é mortal se se quiser encontrar a verdade. Se apenas quer ver provas que apoiem a sua forma de pensar, então não está empenhado na procura da verdade. Então está apenas trabalhando no seu pequeno dogma e quer ser apoiado na ideia de que tem o ponto de vista certo. Este Simpósio é um processo para o ajudar a tornar-se mais flexível.

Desejo-lhe um dia de muito sucesso e se tiver quaisquer perguntas ou comentários mais tarde, pode encontrar-nos na Internet e enviar-nos as suas perguntas.

Tenham muito sucesso.

Muito obrigado.



Uma Verdade ou muitas verdades?

Embora o nosso tempo pareça ser uma confirmação do ditado amplamente conhecido “cada cabeça, sua sentença”, onde cada um se apoia para exprimir a sua própria opinião sobre a verdade - nós ainda ousamos dizer que só existe uma Verdade. Cada um pode ter a sua pequena verdade, mas só pode haver uma Absoluta Verdade que é duradoura, que se aplica a tudo o que existe e que é aplicável em todas as circunstâncias e em todos os tempos.

Uma Verdade Absoluta

Se pensarmos por um momento, podemos ver a lógica disto. Porque não pode haver duas verdades porque, se as houvesse, uma contradiria a outra, tornando uma daquelas verdades numa mentira. Por isso não é possível. Contudo, note-se que estamos agora a falar de VERDADE com letras grandes. A VERDADE é a Realidade, a Essência, a verdadeira natureza das coisas, a Essência da própria vida. De facto, esta VERDADE é o Ilimitado, a essência todo compassiva de tudo o que existe, sem excepção.

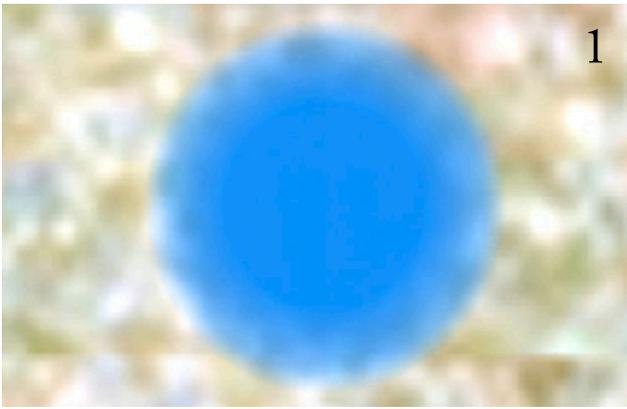
Trataremos desta VERDADE com mais detalhe mais tarde, mas por agora podemos dizer que o Ilimitado é a pura essência de tudo o que existe. O nosso mundo sensorial – o mundo que nós vemos, ouvimos e sentimos – é um aspecto disso e atrás desse mundo exterior – um mundo exterior para nós – há incontáveis outros

mundos. Neste contexto, falamos frequentemente de níveis ou mundos espirituais, referindo-se portanto a áreas – uma certa realidade – da qual o mundo exterior é um reflexo.

Verdades parciais

É muito importante reconhecer isto, porque embora haja uma VERDADE ou REALIDADE ilimitada e abrangente – também podemos chamar a isso o TODO – há incontáveis verdades limitadas. Estas verdades menores ou verdades parciais não são falsas, mas são relativas, estão em relação com verdades maiores e menores. Esta é frequentemente a dificuldade para nós, humanos. Nós ainda necessitamos um tanto de uma perspectiva mais ampla para ver que essa verdade menor é parte de uma verdade maior.

Por exemplo, reparemos neste ponto (ver ilustração 1 na pág. 5) se descrevermos o ponto por nós próprios – determinamos por nós próprios a cor e a forma – assumimos que será uma descrição disso mais ou menos adequada. Porém, se aumentarmos um pouco, (ver a ilustração 2), então veremos alguma coisa bem diferente e se tivéssemos que dar agora uma descrição daquele ponto, provavelmente seria diferente. Verá que se trata de um brinco. Em qualquer dos casos, descreveremos aquele ponto como parte de um quadro maior. Se dermos, imaginemos, um passo



atrás, (ver ilustração 3) veremos que este todo maior pertence a um quadro. E se olharmos mais para trás outra vez saberemos que este quadro é um reflexo de uma realidade ainda maior, experienciada e representada pelo pintor. Assim, este ponto é parte de um quadro; que o quadro é um reflexo de uma realidade a que o pintor foi capaz de dar forma. Que essa realidade, todavia, não é senão uma faceta de uma realidade ainda maior. A esta luz podemos falar de verdades parciais dentro de verdades parciais.

Tudo é parte de qualquer coisa maior e composta de partes menores

Tudo o que existe é parte de uma verdade mais ampla e que, por seu turno, se divide em verdades menores. Tomemos os seres humanos como exemplo. A nossa realidade ou verdade é a cidade onde vivemos, que é parte de

um país, parte de um continente, parte do planeta Terra, que por seu turno é parte do Sistema Solar. E quando falamos do Sistema Solar não nos queremos referir apenas ao sol visível e aos planetas, para os quais enviamos foguetões para aprendermos alguma coisa acerca deles. Estamos a referir em especial a todos aqueles mundos que têm o Sol como a sua fonte, o seu âmago. Estamos a referir-nos a um largo espectro de mundos que não são perceptíveis para nós, tal como o mesmo se passa com os próprios seres humanos. Um ser humano também é composto de diferentes aspectos. No próximo artigo isto será discutido com mais detalhe.

Vamos dar um outro passo atrás. Contemplemos isto: o Sol não é mais do que um ponto num quadro cósmico a que nós chamamos a Via Láctea, uma verdade mesmo maior. E a nossa história torna-se monótona: mas se nós



Georges Seurat:
“Domingo de
Verão no
Grande Jatte”
(1886)

dermos um ou um pouco mais passos atrás, por exemplo, com o lançamento recente do telescópio espacial James Webb, veremos que existem biliões e biliões de galáxias como a Via Láctea. Não podemos olhar mais além, mas não é óbvio que todas essas galáxias não são mais do que um ponto num quadro maior? Se nós olharmos para o pequeno mundo das células, átomos, partículas elementares, podemos contar exactamente a mesma história, só que agora numa direcção oposta: uma célula consiste de moléculas, a molécula de átomos, este de partículas menores. Há aqui algum limite? Responda por si próprio. Deixe a sua intuição falar por ela própria.

Ilimitação

Assim, quer seja em direcção ao grande ou em direcção ao pequeno, para dentro ou para fora, em nenhuma parte encontramos um limite. Não é essa então a VERDADE, sobre qual falámos, aquela incompreensível Ilimitabilidade? Ilimitação e infinito em todos os seus aspectos: na duração, na extensão. Está além de qualquer compreensão humana e portanto não depende da percepção humana. No Simpósio de 2020, a *Teoria do Todo*, abordámos isto em profundidade. Recomendamos que volte a ler o *Lúcifer* onde nos referimos a isto no Simpósio. Ele descreve também que todos estes mundos, pequenos ou grandes, são manifestações de seres vivos. A VERDADE podia, portanto, ser chamada a própria Vida Ilimitada. Não uma vida, mas a fonte, a essência de cada ser vivo que existe na infinidade. A VERDADE Ilimitada está além da nossa compreensão, mas não se retirem conclusões prematuras, porque nós podemos na verdade compreender a sua ideia básica e tomá-la em linha de conta nas nossas vidas.

Unidade Essencial e Fraternidade Universal

Uma primeira e muito importante conclusão que podemos tirar daqui é que há uma Unidade essencial, uma vez que tudo é parte daquela VIDA Ilimitada. Naturalmente, no nosso mundo exterior vemos grandes diferenças entre, por exemplo, plantas, animais e humanos e entre os próprios humanos. Todavia, essas diferenças não são essenciais, elas são temporárias, porque cada ser – do átomo à estrela – é uma parte do Ilimitado. Uma parte do Ilimitado é o mesmo que o Ilimitado, porque não existe tal coisa como um pouco do Ilimitado. O Ilimitado é, portanto, o nosso terreno primitivo comum, a Unidade essencial, que tudo interliga.

A segunda conclusão descrita é que a Fraternidade Universal é um facto. E com a palavra ‘irmão’ não nos referimos

a um ser humano do sexo masculino, mas ao facto de que todos os seres emanam de um Ancestral metafórico, da mesma Fonte. Ou mesmo melhor, do mesmo sangue vital, da mesma energia viva, da mesma consciência que flui através de todos nós – vê-se que estamos à procura de palavras para pintar esta imagem elevada. Na verdade, nós somos partes uns dos outros.

E com estas conclusões a ideia abstracta de VERDADE torna-se de repente muito mais tangível. Se vivermos de acordo com esta VERDADE e olharmos profundamente nos olhos de um ser humano nosso companheiro ou mais profundamente no coração de uma flor, ou se vê na noite escura a beleza das estrelas, então veremos o nosso EU, ver-nos-emos a nós próprios reflectidos no outro e o outro reflectido em nós. Será que quereríamos ferir o nosso irmão se pensarmos nisto? Ou este pensamento encorajar-nos-ia actualmente a apoiar e ajudar outros? Eu diria: responda por si próprio. Uma vez mais, deixe a sua intuição falar.

Reflexos da Ilimitabilidade

Agora podemos bem perguntar: então se há apenas uma VERDADE, o que são estas verdades pequenas? Já demos a resposta acima quando usámos a palavra ‘reflexo’. Cada verdade parcial é um reflexo limitado, uma visualização restrita do Ilimitado. Esse reflexo não é por acaso, não é uma coincidência. Não é, certamente. Existe no Universo ordem e plenitude de regras. Há modelos fixos, como explicaremos claramente dentro de pouco tempo.

Mesmo se estamos a falar de unidades cósmicas, tais como sois e galáxias, para nós incompreensivelmente grandes, ainda aqui há uma verdade parcial, um ponto num quadro mesmo muito grande e isso portanto representa uma limitação. As verdades parciais estão, portanto, sempre em linha com outras verdades maiores. Quando descobrimos uma verdade maior, não devemos degradar a verdade parcial como sendo uma mentira, mas vemos antes uma limitação.

Os cegos e o elefante

Para explicar isto usa-se o exemplo bem conhecido dos homens cegos e o elefante. Cada homem cego toca uma parte do elefante e dá uma descrição dela como uma parte da verdade. Essa parte não está em conflito com as outras partes, mas complementa-a e em conjunto fazem um quadro um pouco mais completo.

Em tudo isto devemos ter bem consciência de que cada verdade – grande ou pequena – não resulta de processos

mecânicos. Afinal de contas, porque tudo é parte da Vida Ilimitada, cada fenómeno, tudo o que existe, é uma entidade viva.

Hierarquia de consciências

Há uma infundável hierarquia de consciências, um agregado de seres vivos, uma brilhante cooperação entre todos os pontos neste quadro figurativo. Há um âmago, o topo, o ser mais altamente desenvolvido. Além disso, há seres de diferentes níveis de desenvolvimento. Cada um deles vive num dos níveis daquela hierarquia e cada ser é ele próprio uma hierarquia. Mas como todos esses seres têm o topo da evolução como o seu âmago – o coração dos seus corações – há uma igualdade fundamental. Assim, mesmo embora se trate de um ser é muito pouco desenvolvido, ele tem o mesmo potencial que o âmago daquela hierarquia. Se considerarmos outra vez aquela hierarquia como um reflexo limitado da Ilimitabilidade, e cada ser nessa hierarquia como uma expressão limitada do topo daquela hierarquia – e que cada ser, ele próprio, é uma hierarquia – então temos um quadro de como está estruturada a Natureza.

Entre todos esses seres há uma maravilhosa cooperação, com os seres mais desenvolvidos inspirando os menos desenvolvidos e os seres menos avançados servindo como veículos, instrumento dos seres mais avançados.

Será que isto parece abstracto? Olhemos para o nosso corpo. Não será que cooperamos com os triliões de células e átomos que compõem o nosso corpo? Da mesma forma, a consciência do sol trabalha connosco. Há uma dependência mútua. Não podemos viver uns sem os outros.

Modelos Universais

Assim, os modelos universais que nós vemos nesta colaboração não são processos mecânicos, mas as consequências das acções e reacções destes seres vivos. Podemos reconhecer alguns destes modelos, umas vezes facilmente, outras vezes com algum esforço. Pense na ciclicidade, na causa e efeito, no crescimento de cada ser. Porque todas essas verdades parciais são partes dessa maior VERDADE Ilimitada, eles nunca se podem contradizer uns aos outros, a menos que absolutizemos uma verdade parcial – e elaborando na metáfora do cego e do elefante – clamando a todos os ventos que o elefante é um leque, quando seguramos na sua orelha e consideramos a ‘nossa verdade’ em oposição à de alguém que descreve o elefante como uma cobra porque tocou na tromba.

No último Simpósio discutimos as sete Joias da Sabedoria,

sete modelos universais. Cada Joia é em si mesmo uma verdade parcial, que nunca contradiz as outras Joias. Pelo contrário, considerando-os umas com as outras que a nossa visão da Verdade cresce.

Idealismo objectivo

Agora podemos maravilhar-nos – e se o fazemos é porque estamos espiritualmente acordados, pelo menos numa certa medida – porque há muitas pessoas que não veem esta VERDADE maior. Afinal de contas, nós somos uma parte dela. Porque se muitas pessoas experimentassem esta VERDADE e vivessem de acordo com ela, não haveria hoje conflito, nem guerra, nem desigualdade, nem ódio. A resposta a esta importante questão reside num fenómeno psicológico chamado idealismo objectivo. O que é isto?

Vamos explicar isso usando primeiramente a metáfora do ponto e do quadro. Se focarmos a nossa consciência naquele ponto do quadro – porque não vemos nada mais – e pensamos que esse ponto é a única realidade, então estamos formando uma imagem daquilo que nós percebemos com os nossos pensamentos. A nossa percepção é limitada e a ideia sobre aquela percepção limitada leva-nos a considerar o ponto como verdade, embora seja na melhor das hipóteses uma parte da verdade.

O exemplo clássico da tradição hindu para explicar o idealismo objectivo é a história do homem que chega a casa ao crepúsculo e assusta-se porque pensa que vê uma cobra. Observando mais de perto, contudo, ele apercebe-se que não é uma cobra, mas um pedaço de corda enrolada. Mas o medo que ele teve daquela suposta cobra foi real – bem real para ele – como se tivesse sido uma cobra verdadeira. Deste modo, nós construímos a nossa própria verdade, nós experienciamos-la como verdade se a nossa consciência perceptiva lhe atribuir realidade. A nossa mente está com efeito sujeita a ilusão, fazendo um quadro falso daquilo que nós percebemos.

Assim, a resposta à razão pela qual não vemos uma Verdade maior é que o nosso pensamento interpreta mal a nossa percepção limitada. E isto não se aplica apenas àquele ponto do quadro ou à corda em que se vê uma cobra. Quantas pessoas não vêem mais nada a não ser os seus corpos? E não há muitos que afirmam que não existe nada para além do nosso mundo exterior? O seu lema parece ser: o que eu não vejo, não existe. E apesar de haver indícios de que há muito mais – o que são as leis da natureza, por exemplo? – limitamos frequentemente a nossa ideia de verdade ao mundo sensorial.

Desafiar a nossa verdade parcial

Ora a nossa limitada capacidade para compreender não tem que ser um obstáculo inultrapassável para conhecer um pouco mais da VERDADE maior. Mas devemos então reconhecer que nós sabemos na melhor das hipóteses uma parte da Verdade. Assim, devemos ousar discutir e desafiar a nossa própria verdade parcial. E isso quer dizer: ousando falar acerca disso e ouvindo sinceramente o que os outros pensam acerca disso, e o que eles percebem como verdade. Nós não fazemos isto, somos como um cego tocando uma parte do elefante e pensando que conhecemos todo o animal.

Em resumo: estando conscientes da nossa própria imperfeição em descobrir o que é a Verdade é uma condição para achar mais Verdade. E isto é, hoje em dia, a fraqueza de muitos. Porque em toda a parte vemos que a pequena verdade parcial está a ser exagerada como única verdade. E se alguém lhe disser que está lidando com um ponto e não com todo o quadro, ou com um pedaço de corda em vez de uma cobra, é ridicularizado, não se acredita e, na pior das hipóteses, quer mesmo prendê-lo ou matá-lo. Quantas pessoas no passado têm sido perseguidas ou com quantas hoje ainda acontece o mesmo, porque têm uma maneira diferente de ver as coisas! E – outro exemplo – vão falar com alguém que acredita fortemente numa conspiração. Não há evidência e está despido de qualquer lógica, ainda que aquele que acredita na conspiração atribua realidade à sua ilusão e cria portanto a sua verdade. Embora todos os factos apontem para que ele não tenha razão.

E não pensemos que os crentes na conspiração sejam muito diferentes do comum das pessoas; talvez um pouco mais extremistas nas suas perspectivas, mas muitas pessoas limitam também a sua verdade a uma ideia particular, um pensamento particular. Não demonstram eles a mesma mentalidade do que um psicólogo quando este afirma que a consciência está no cérebro e que o livre arbitrio não existe? Ponto final. A discussão não é possível. Ou quando um geneticista afirma que o nosso carácter está no DNA e demite-se de toda a evidência. Ou quando um economista assume que numa sociedade saudável deve haver crescimento económico e que o mercado resolverá todos os nossos problemas. Ou o nacionalista que jura por tudo o que é sagrado que a sua nação é diferente e melhor do que todas as outras. Ou o aderente de uma religião que sabe exactamente o que Deus quer de nós e aqueles que não acreditam que deveriam ser punidos. Trata-se da mesma mentalidade. E se não questionamos a nossa própria visão, não estamos abertos a uma perspectiva mais ampla, então

chegam o dogmatismo e a rigidez e então a perspectiva está perdida de todo em todo.

Em todos estes casos, teremos que dar um passo atrás. Como fazer isso discutiremos na conferência seguinte, depois da qual podemos discutir isso melhor uns com os outros na oficina.

Nós somos essencialmente a Verdade

Gostaríamos de terminar esta contribuição com o pensamento esperançoso de que podemos, pelo menos, dar esse passo atrás de modo a que tenhamos um campo de visão mais amplo. Isso é sempre possível, porque toda a Natureza é uma grande escola de aprendizagem, dividida em escolas de aprendizagem menores, que nós percorremos de pequenas a grandes. Há já seres humanos que estão muito mais longe do que nós no decurso deste processo de aprendizagem. Eles precederam-nos no processo de exploração e revelação da Verdade. Estes maiores, nossos Professores, falam-nos sobre isto na medida do que nós podemos compreender. Eles inspiram-nos a desenvolvermos as nossas faculdades, com as quais nós podemos conseguir saber e compreender mais e mais da Verdade Ilimitada. E o facto de eles poderem fazer isso resulta de já terem desenvolvido aquelas capacidades dentro deles próprios. As capacidades que cada ser humano tem dentro de si próprio, mas que estão ainda dormentes ou adormecidas ou latentes na maior parte de nós. Isto é um pensamento essencial para reter à medida que vamos mergulhando mais profundamente em como achar essa Verdade maior, na próxima palestra. Todo o ser humano, sem excepção, é capaz de o fazer.

Porque nós somos todos parte dessa Verdade Ilimitada, nós somos na essência essa Verdade. E, portanto, nós temos todas as qualidades, capacidades e habilidades dentro de nós para compreender a essência dessa grande Verdade. Deste modo, a única diferença entre nós e aqueles grandes mestres é que eles já desenvolveram mais do que nós essas ilimitadas capacidades. Eles foram capazes de penetrar mais longe além da realidade exterior e construir uma compreensão mais profunda da inextricável interconectividade de tudo o que existe. Eles vivem na consciência da unidade essencial que interliga toda a Natureza: visível e invisível. Nós também podemos desenvolver essa consciência. Nós temos as capacidades para o fazer.



Como achar a verdade?

Pode descrevê-lo com facilidade. Como a luz reflecte o ouro quente, os elos ainda suaves, rolo-o para a frente e para trás na palma da mão. Está na família há gerações. Mantém-se sempre ligado quando se nada e apenas se sente o pingente antes de mergulhar fora da prancha de mergulho. Para que esse colar tem de estar aqui algures no fundo da piscina ...

Penso que muitos de nós já experimentámos este incidente. Já perdemos algo de valor em alguma parte. Mas porque nós sabemos que está lá, sabemos que andamos à procura e também o que isso significa para nós, não descansamos enquanto não o achamos. Assim, se não há mais nada para fazer a não ser mergulhar no fundo da piscina, não vamos perder o ânimo. Este é talvez o mais importante pré-requisito para encontrar qualquer coisa. Porque imagine nem sequer saber se algo pode ser encontrado? Será que então estar disposto a mergulhar e procurar em toda a piscina? E se não souber o que está procurando, por quanto tempo irá manter-se à procura? E se, além disso, não temos nenhuma ideia sobre se isso valerá a pena? Não será que desistiremos logo então?

Isto aplica-se igualmente à verdade. Confiantes em que existe a verdade, então podemos reconhecê-la e que isso vale tudo, é o passo essencial para achar a verdade!

E essa confiança pode não ser primeiramente mais nada a não ser um palpite. Uma impressão de que qualquer coisa está a faltar na nossa vida, uma espécie de inquietação. Temos a ideia de que há muito mais do que aquilo de que nos apercebemos com os nossos sentidos no mundo material. Deste modo, avisamos todos para levar isto a sério! Assim, avisamos todos para considerar isto seriamente.

Bem, já concluímos, baseados numa palestra prévia, que:

- Há uma Verdade, uma REALIDADE ilimitada.
- E que nós podemos conhecer cada vez mais esta VERDADE ou, melhor ainda, nos tornamos cada vez mais conscientes dela e a expressamos, porque somos essencialmente essa VERDADE.

Nesta palestra, explicaremos melhor como se pode encontrar a verdade. Mas isto não é possível sem a convicção, ou pelo menos a confiança, de que a verdade está lá e de que nós somos capazes de a encontrar.

A Verdade dentro de si próprio

Em resumo, o nosso ponto de partida é que nós temos dentro de nós próprios o potencial para encontrar a verdade. Pode também encontrar-se este ponto em todas as religiões e filosofias desde a antiguidade, do Oriente para o Ocidente. Por exemplo, a frase

“Homem , conhece-te a ti mesmo”, do oráculo de Delfos, ou a declaração de Zaratustra: “Aquele que se conhece a si mesmo, dentro de si conhece o todo”.

Mas o que é que isto implica? Porque quantas vezes é que nós descobrimos que estamos errados? Quantas vezes não estamos nós cegos por uma certa convicção e mais tarde descobrimos que as coisas são completamente diferentes? Na palestra anterior, este fenómeno foi descrito como *idealismo objectivo*: real é aquilo que nós experimentamos como real. E esta perspectiva pode crescer. Mas a nossa visão da realidade não cresce nem se desenvolve automaticamente. De facto, vemos muitas vezes pessoas apoiando-se nas suas próprias ideias pela vida fora. Porque elas são cada vez menos curiosas e tornam-se rígidas no seu pensamento e às vezes mesmo cínicas. Enquanto, sendo crianças, permanecem no mundo cheios de maravilhamento, ou como jovens adultos eles trabalham cheios de energia para realizar os seus ideais. É no entanto importante que eles tratem de manter sempre a mente aberta para maiores realidades.

Há duas maneiras de ver a verdade ou a realidade.

1. A primeira maneira é raciocinar puramente a partir de si próprio, puramente de nós mesmos, da nossa própria percepção. Usamos – para usar aquela metáfora outra vez – apenas a nossa imagem do elefante. Para nós, a verdade é a perna, o ouvido ou o tronco. Apegamo-nos à nossa própria convicção, à *nossa* verdade parcial. Limitamos a realidade àquilo que compreendemos ou como nos vemos melhor e não estamos abertos àquilo que os outros dizem. Por outras palavras, limitamo-nos a nós próprios àquilo de que nos apercebemos com:

- os nossos sentidos (fisicamente)
- os nossos sentimentos acerca de estado do mundo (emocionalmente)
- como trabalhar com isso ou à nossa volta (vitalidade)
- e assim realizar os objectivos na nossa por si próprio (desejo).

Pensemos, por exemplo, no homem da Idade Média, que estava convencido que a terra era plana e portanto não se atrevia a ir pelo oceano com medo de cair dela. Não imaginamos então que temos possibilidades mais amplas dentro de nós próprios para experienciar mais verdade.

2. O segundo caminho é aquele que parte de uma visão da verdade como qualquer coisa que é todo-abrangente, uma realidade interligada que se pode desenvolver dentro de nós próprios. A questão aqui não é tanto quais são as nossas observações, mas que conclusões se tiram a partir

delas. Uma perspectiva que cresce em colaboração com outros. Em resumo: assumimos que a nossa imagem do elefante pode ampliar cada vez mais. Isso garante um estado do maravilhamento duradouro. E não estamos a cuidar apenas do bem estar de nós próprios, mas damos também uma olhadela para os outros e para o todo maior de que somos parte.

- O nosso sentido de maravilhamento torna-nos curiosos sobre o estado do mundo e de como os outros experienciam isso. Isso faz com que nos identifiquemos cada vez mais com os outros, incluindo com os sofrimentos que eles experimentam. Isto desperta a compaixão, um apelo interior para ajudar a eliminar o sofrimento. E, ao mesmo tempo, perguntamos a nós próprios: o que é a verdade? Qual é o âmago de tudo? O que é que é essencial? O que é a sabedoria.
- É que as condições do mundo também arrastam toda a espécie de perguntas para nós. Porque é assim? Quais são as causas daquilo que nós vemos? E porque é que estas causas acontecem? Como é que as coisas se relacionam umas com as outras? E como é que eu posso contribuir?
- E vamos em busca do conhecimento: o que é que nós sabemos sobre o mundo? Como é que o mundo está estruturado? Como é que se removem as causas do sofrimento?

Estamos actualmente a usar três instrumentos interiores em conjunto para encontrar a verdade:

- O nosso sentido de unidade. Nós identificamo-nos a nós próprios com uma perspectiva sempre crescente da realidade. A partir daqui, como já foi dito, flui a compaixão. A questão do teste aqui é: *isso é ético?* Por outras palavras: está de acordo com o que sabemos dentro de nós próprios para ser a coisa correcta, com a nossa consciência e a nossa intuição? Isto tem correspondência com a religiosidade dentro de nós e ajuda-nos a responder à questão: para que serve a vida?
- A nossa consciência da conectividade e da coerência, ou a nossa perspectiva e compreensão. Quando se vê o *âmago* ou a *essência* de qualquer coisa, então somos capazes de reconhecer por meio da nossa perspectiva e compreensão aquela essência do “sempre e de toda a parte”. A questão teste aqui é: *isso é universal?* Isso corresponde ao aspecto filosófico em nós e ajuda-nos a responder à questão do porquê das coisas.
- O nosso intelecto. A questão do teste está nisto: *isso é lógico?* Aqui, também, é importante fazer uma clara

distinção entre os factos e as conclusões que retiramos a partir desses factos. Os mesmos factos podem logicamente ser explicados de uma forma diferente. Esta ferramenta corresponde ao aspecto científico em nós e ajuda-nos a encontrar as respostas à questão do *como* de tudo.

Tentamos responder a estas questões e, ao proceder assim, sempre aparecemos com respostas para a questão: o que é que isto significa para mim, como posso eu integrar isto na minha vida? Se somos consistentes, tentemos traduzir a nossa visão *na prática* acerca do que nós vemos como ético e lógico na nossa própria vida. Então ajustaremos os nossos objectivos na vida, agiremos diferentemente, sentiremos diferentemente, e perceberemos mesmo de forma diferentemente.

Por outras palavras, com a segunda forma de olhar para a verdade – ampliando sempre mais – integramos a primeira via para olhar para a verdade, mas então elevamos sempre a nossa própria visão. Resumindo, a nossa perspectiva do elefante está crescendo. Experimentamos não ter medo de nos perdermos quando questionamos a nossa própria verdade, porque experimentamos de volta uma intuição mais ampla e mais profunda.

E tal como a imagem do elefante mostra, obtemos uma visão mais ampla da realidade muito mais rapidamente quando atravessamos este processo em conjunto com outras pessoas e quando podemos incluir as perspectivas dos outros.

Em resumo, abordamos a nossa visão da realidade cada vez mais em alinhamento com a Verdade ou Realidade. Isto disponibiliza-nos também com uma importante chave para distinguir factos de opiniões e de prevenir conflitos e sofrimento.

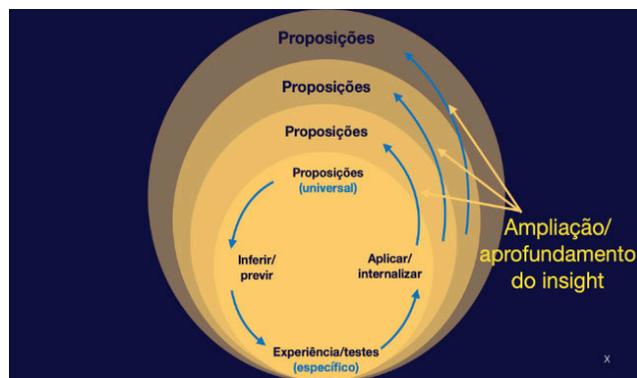
Processo cíclico de busca da verdade

Nesta palestra dar-vos-emos um método indispensável para achar a verdade, que também usaremos praticar doravante na oficina. Ora, não deveríamos ver isto tal como um método, Trata-se actualmente de um processo cíclico de achar a verdade, e na verdade segue o ciclo evolucionário da vida. Trata-se também de um ciclo no qual aplicamos as tais faculdades atrás mencionadas para chegar à verdade de acordo com o nosso sentido de unidade, a nossa perspectiva e o nosso intelecto.

Este método foi conhecido desde tempos imemoriais e pode ser achado, por exemplo, nos diálogos de Platão e na literatura teosófica.

Começa-se por um ou mais princípios, tão universais quanto possível. Tal como o conceito de Verdade ilimitada que introduzimos na primeira palestra. Não se trata de uma proposição para “acreditar” nela. Uma proposição é por vezes tão universal que não pode ser comprovada ou rejeitada

com a nossa limitada compreensão. Em matemática, fala-se portanto em axiomas. Podemos, naturalmente, investigar as deduções ou previsões de uma certa proposição e fundamentá-las com as nossas próprias experiências específicas e com os factos que observamos, em ordem a testar a universalidade das nossas suposições.

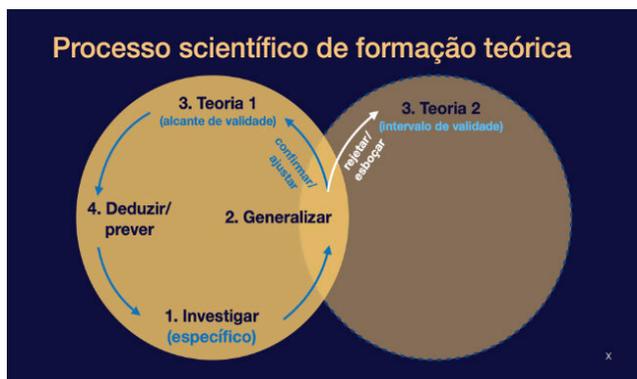


Se experienciamos que estas deduções e previsões estão apoiadas na prática da nossa vida pela nossa própria experiência, se podemos testá-las contra factos provados e se eles nos proporcionam maiores perspectivas, podemos aplicá-los mais tarde nas nossas vidas. A verdadeira escola é sempre a própria prática da vida. Interiorizamos então quais são os nossos pontos de partida. Nós expressamos o universal em situações específicas da vida. Se começamos a viver mais e mais de acordo com a sabedoria universal, ampliaremos e aprofundaremos a nossa compreensão disso. Na verdade, o ciclo então continua a cada momento para um nível mais elevado.

Em tudo isto, usamos sempre os nossos instrumentos interiores: o nosso sentido de unidade, a nossa perspectiva ou sentido de interconectividade e coerência, e o nosso intelecto. Assim, isto constrói o processo religioso, filosófico e científico ao mesmo tempo.

Também se assemelha a um processo científico, mas com um acrescento importante de que nós trabalhamos com todos os nossos instrumentos interiores e começamos a partir de uma grande imagem. Na ciência, também, o

ponto de partida são as proposições e as hipóteses. Embora haja cientistas que partem da mais universal visão possível, e que intuitivamente procuram a integração e a coerência, vemos muitas teorias científicas partindo de investigações empíricas, mais de baixo para cima. Com base em dados de específica pesquisa – por exemplo, cem cisnes estudados, todos brancos – fazem uma generalização: todos os cisnes são brancos. Quando são elaboradas algumas teorias, chamamos a isto uma teoria. Por exemplo, Tese 1: os cisnes são brancos; Tese 2: a cor dos cisnes é hereditária. A teoria consiste então: os cisnes permanecem brancos. Na base desta teoria, é então afirmado que só vão nascer cisnes brancos. À medida que novas investigações mostram que se têm observado cisnes pretos, esta teoria não pode ser aceite. Se o facto não pode ser explicado pelo seu ajustamento à teoria existente, a velha teoria é rejeitada e uma nova aparece.



Por esta via, novas teorias estão constantemente emergindo. E se as verdades parciais que se descobrem não são conectadas com outras verdades parciais científicas, religiosas ou filosóficas, uma teoria universal que dá resposta conclusiva às perguntas sobre as questões da vida, não se chegará a integrá-las e a explicá-las. Não é culpa da ciência, talvez até no mínimo, porque todos nós conhecemos exemplos de religiões dogmáticas e dos seus seguidores fanáticos. E o mesmo sucede com as filosofias, pensemos mesmo numa filosofia política como o neo-liberalismo. Mas mesmo na ciência vemos que algumas pessoas elevam verdades parciais em verdades absolutas, e começam a lutar contra as ideias de outras pessoas em vez de mudar de pensamento para atingir verdades maiores. Isto conduz-nos a uma quantidade de incerteza quanto à média das pessoas. Esta incerteza leva muitas pessoas a perder a fé nos peritos e algumas vezes mesmo a perder a fé na ideia de que há uma verdade acima de tudo. E quando as pessoas perdem a fé na existência e no valor da Realidade compartilhada, vemos que as pessoas começam a construir

as suas próprias verdades maiores a partir das suas verdades parciais. Todas as pessoas têm as suas próprias teorias, as suas próprias bolhas.

Podemos portanto concluir que é de grande importância ter um método com o qual se pode chegar independentemente à verdade. Mas também que este método fica de pé ou cai com os pontos de partida básicos ou proposições. Até que ponto são elas éticas, universais e lógicas?

Três proposições são os pontos de partida mais universais

Coloca-se então a questão: não existe já uma série de universais princípios que têm provado o seu valor ao longo do tempo? Podemos nós reconhecê-los e vale a pena confiar e construir a partir deles?⁽¹⁾

Se assumimos que há Verdade, então isso é um pequeno passo para assumir que há também pessoas que já experienciaram mais dessa Verdade. Há muitos exemplos de tais pessoas. Pessoas que subiram claramente acima da média humana em termos de perspectiva e que ainda sabem como nos inspirar. Pensemos em Gautama, o Buddha, em Lao-Tsé, em Platão, Jesus, Maomé e muitos outros. Eles, por sua vez, também apontam para seres que estão ainda mais adiantados do que eles no desenvolvimento da sua consciência.

Mas até que ponto falam eles do mesmo tema? Um dos mais recentes mensageiros foi Helena Petrovna Blavatsky a qual mostrou, desde 1875 em diante, que a Teosofia – ou Sabedora Universal – é para ser encontrada no âmago da mensagem de todos os mestres mundiais e que esta sabedoria além disso, pode ser reconduzida às três proposições universais: ilimitabilidade, ciclicidade e, como em cima, assim em baixo. Abordaremos sumariamente cada um deles.⁽²⁾

1. Ilimitabilidade: Já falámos actualmente sobre isto na primeira palestra quando falámos de uma Verdade absoluta ou Realidade que tudo precede. Nas palavras de Blavatsky, a compreensão disto está para além do nosso pensamento, mas podemos testar as deduções com os nossos instrumentos interiores.

Este ponto de partida corresponde ao nosso sentido de unidade e conectividade. A Ilimitabilidade quer dizer que nada e ninguém está excluído. Ao assumir a Ilimitabilidade, isso também transporta a ideia de que não há limites para aquilo que podemos conhecer. Há sempre espaço para o maravilhamento.

A ideia de Ilimitabilidade é também plausível para aquilo que podemos perceber: por exemplo, mudança infinita e

renovação. Há também ilimitabilidade naquilo que nós podemos pensar e na nossa criatividade. E, naturalmente, podemos aperceber-nos da infinidade do Kosmos. Todavia, devemos ainda perguntar: o que é que há acerca das coisas que parecem infinitas? Ou de um dia como o de hoje? A esta questão responde a proposição seguinte

2. A segunda proposição consiste na *ciclicidade*; que tudo é cíclico, que tudo flui, tudo pulsa.

Mas o que é que se manifesta ciclicamente? Aqui, *A Doutrina Secreta* introduz o conceito de mônada ou centelha divina. Uma centelha da eternidade ou um raio da consciência ilimitada. Um eterno peregrino divino-espiritual, que se crucifica ele próprio vezes sem conta, ciclo após ciclo, envolvendo-se sempre na substância e desenvolvendo portanto o seu infinito potencial cada vez mais.

Esta proposição também corresponde ao nosso sentido de unidade. Tudo provem da mesma fonte e o mesmo potencial reside em tudo. E porque todos os seres se manifestam uma e outra vez, eles estão todos interconectados na eternidade. Nós estamos continuamente a construirmo-nos uns aos outros. Para além disso, a ideia de ciclicidade é perceptível a toda a nossa volta. Pensemos nos muitos ciclos da natureza e do nosso corpo. A alternância do dia e da noite, fora do fluxo e refluxo das estações. Mas também o nascimento e a morte das civilizações e das culturas.

Além disso, a ideia da ciclicidade resolve a questão que nós levantámos com a primeira proposição: porque é que algumas coisas parecem finitas? Como um dia, ou uma vida? A ciclicidade fornece a resposta. Nós próprios dividimos a rotação contínua da terra à volta do seu eixo, longe da luz solar e na direcção da luz solar, em dia e noite e chamamos a um dia Domingo, a outro Segunda. Mas esse limite está realmente lá ou não há realmente nenhum movimento contínuo que é cíclico?

O mesmo se aplica à vida e à morte. A morte é apenas um fim aparente, uma fase de descanso da nossa mônada noutros níveis de consciência até que um novo ciclo de vida comece para aprender mais. Porque nós não somos ainda capazes de estarmos conscientes da continuidade da mônada, do eterno peregrino, ou do centro de consciência que nós somos em essência, ainda não temos uma visão global da continuidade ao longo de muitas vidas. Seremos capazes de fazer isto? Sim, e esta é a resposta à terceira e última proposição.

3. A terceira proposição escreve *a igualdade fundamental de toda a vida*. Em resumo: *como em cima, assim em baixo*. A primeira proposição aponta para o nosso potencial ilimitado, a segunda que nós desenvolvemos esse potencial

ciclicamente e a terceira acrescenta o processo evolucionário dentro de uma certa hierarquia de consciências. Nós somos sempre parte de um grande todo e que podemos aprender com os seres que nos antecederam, tal como nós podemos por nossa vez ser professores dos que vêm depois de nós.

Isso também se relaciona com o nosso intuitivo sentido de unidade, igualdade e justiça. Todos os seres não são só iguais em essência, eles também vão através de uma via idêntica de evolução e não podem saltar etapas nele. Cada ser percorre a sua própria evolução de acordo com o seu próprio esforço.

Deste modo, o crescimento é sempre um processo colectivo. Cada ciclo de vida é, na verdade, uma colaboração de muitos seres que circulam em conjunto através dos seus ciclos de crescimento. Tal como as células vão através dos seus ciclos de vida dentro de um ciclo de vida da consciência humana. E nós, humanos, vamos através dos nossos ciclos de vida dentro dos ciclos da terra e do sol. Isto relaciona-se com o nosso sentido de unidade.

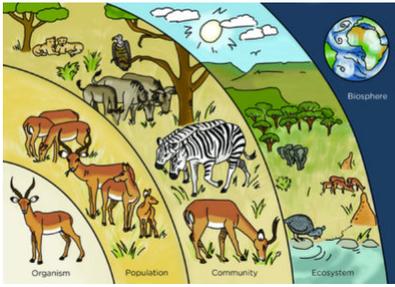
Finalmente, esta proposição aponta para a lei da analogia. Por toda a parte na natureza podemos ver que os processos seguem modelos universais. Pense nos paralelos que pode estabelecer entre, por exemplo, o processo de nascimento do ser humano e o de um planeta ou estrela. Ou o ciclo de vida das ideias.

Cada pessoa pode estudar estas proposições e testá-las independentemente. Assim, perguntamos explicitamente não para aceitar simplesmente estas proposições com fé, mas para as examinar pela sua ética, universalidade e lógica e testá-las segundo a nossa própria experiência e pelos factos por nós conhecidos. E isto é um pré-requisito para ser capaz de os usar e encontrar a verdade independentemente por outras vias. E mesmo se ganhar confiança nestas proposições, chegaremos a uma maior compreensão se as continuarmos a examinar e a reflectir sobre elas.

Uma vez mais, trabalhamos a partir da ideia de que há uma verdade, a qual pode ser encontrada e que é mais uma tarefa de se tornar consciente disto, abrindo-nos nós próprios para isso. É mesmo tal como explorar o “elefante”, isso ajuda-nos a fazer isso com outros.

Referências

1. H.P Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Volume I, pág. 272-273 (edição original inglês).
2. Mais acerca destas 3 proposições pode ser encontrado no tema do nosso Simpósio *A Doutrina Secreta: a Teoria do Todo*.



A cooperação é a fundação da Natureza.

O ciclo da busca da verdade aplicado à evolução

No artigo anterior, descrevemos o ciclo da procura da verdade. Como é que isto funciona na prática? Neste artigo nós mostramos numa rápida demonstração como é que a aplicação deste ciclo nos conduz a certas conclusões, partindo dos princípios universais e depois incluindo factos científicos conhecidos, como por exemplo acerca da evolução.

Como uma fé substitui a outra

Se olharmos amplamente para a história do Ocidente por um momento, podemos ver que a igreja cristã vem definindo a visão da realidade há séculos. Sem olhar ao valor dos ensinamentos originais de Jesus, vemos que a igreja, efectivamente, tem forçado o homem a uma fé cega. Desde o Iluminismo, a ciência tem derrubado cada vez mais os ensinamentos dogmáticos da igreja. Em lugar da fé cristã apareceu uma visão do mundo materialista instável e mecanicista baseada nas visões populares da ciência, que foram igualmente imperfeitas e se tornaram elas próprias uma espécie de fé. Devido a cada nova descoberta – o átomo, a radioactividade, o DNA – a visão do mundo declinou e a especulação acerca do propósito da vida continuou, com muitas pessoas a acreditar cegamente nas suposições científicas populares.

Neo-Darwinismo insustentável

Tomamos como exemplo a teoria do

neo-Darwinismo, popularmente conhecido pela expressão “sobrevivência do mais apto”.

A teoria combina um número de proposições: a teoria de Darwin da selecção natural em conjunto com a teoria de Mendel sobre a hereditariedade e ideias sobre a genética das populações. A ideia de Darwin sobre a selecção natural está baseada nas suas observações segundo as quais algumas criaturas se encaixam melhor no seu meio ambiente para providenciar a sobrevivência da sua descendência. A teoria da hereditariedade e as ideias da genética acrescentam que esses traços adequados surgem por meio de mutações aleatórias (pequenas mudanças) nos genes e são passados às gerações subsequentes através da hereditariedade.

A partir daqui deve inferir-se que aquela cega e mecânica acção na matéria sustenta a variação na natureza, a evolução e o surgimento de novas espécies.

E similarmente alguns previram que se mapeássemos o genoma humano

seríamos capazes de ligar todas as espécies de doenças hereditárias a certos modelos de genes e portanto prevê-las e preveni-las.

Todavia, este pensamento tornou-se bastante despontador, porque, quando o genoma foi mapeado em anos recentes, isso acabou por não ser absolutamente um anteprojecto. Os genes são apenas uma lista abrangente de ingredientes, não uma receita. Além disso, as mudanças no DNA parecem ser processos direccionados na célula, onde pedaços do DNA são cortados e colados com base em circunstâncias. Há, por assim dizer, uma mistura inteligente no trabalho de transportar em conjunto os ingredientes certos. O que isso pode ser voltaremos mais tarde a abordá-lo.

Sabemos também que, na célula, os erros nas mutações são reparados pela célula e os erros só ocorrem uma vez num bilião de vezes.⁽¹⁾ Assim, a enorme variedade de espécies não pode ser explicada por mutações ao acaso nos genes.

Outra dedução do Neo-Darwinismo era que a evolução é guiada pelo comportamento de sobrevivência egoísta. Mas uma quantidade de investigações, entre outros pelo cientista Lynn Margulis, mostrava que a cooperação entre espécies (simbiose) é muito importante na evolução e conduz a melhores hipóteses de sobrevivência. Tal como



De acordo com Lynn Margulis, cada célula humana, animal e vegetal é uma colaboração de organismos.

os fungos e as plantas trabalham próximos em conjunto e florescem, ou os organismos humanos e animais trabalham próximos e em conjunto, com uma enorme população de bactérias na sua digestão, nas suas peles, etc.

Em resumo: baseados em descobertas científicas a teoria do Neo-Darwinismo está agora fora de moda e ultrapassada por uma nova teoria ou paradigma. Segundo ela, a cooperação na natureza é central, com as criaturas interconectadas proximamente num ecossistema. E os efeitos das mudanças climáticas são um exemplo diário desta interconectividade.

É igualmente importante saber o que algo não é

Por que é que nós damos tanta atenção a isto? Porque é justamente tão importante saber o que qualquer coisa não é do que o que é. Porque nós vemos que, baseados em teorias científicas, surge também uma espécie de crença que tem toda a espécie de consequências éticas e sociais. As ideias governam o mundo. Porque mesmo apesar do Neo-Darwinismo estar cientificamente ultrapassado, a perspectiva dele ainda é muito persistente. Na esfera social, por exemplo, ainda estamos a lidar diariamente com o legado derivado das suas teorias. A competição, por exemplo, tem sido glorificada durante décadas como alguma coisa natural, baseada na ideia da luta na natureza. Consideremos, por exemplo, o sector público, onde a competição é apenas contraproducente, mas a ideia de que a competição conduz a mais qualidade está ainda teimosamente presente. Baseados na ilusão da luta pela sobrevivência, a desigualdade crescente entre ricos e pobres tem sido também longamente justificada. E a ideia do Neo-Darwinismo de que os humanos foram o pináculo da evolução, capazes de dobrar a natureza às suas vontades ou mesmo acima da natureza tem tido enormes consequências negativas.

O ciclo de descoberta da verdade aplicado

Se nos supusermos a usar o processo cíclico de descoberta da verdade descrito neste artigo, deparamos com uma questão deste tipo “o que é a vida e como é que ela evolui?” Será que os factos científicos atrás mencionados se enquadram bem nesta história? Explicamos isto resumidamente com um exemplo.

Primeiro, olhemos para esta questão a partir de pontos de partida universais: as três proposições fundamentais.

Deduzindo a partir destas, temos então uma imagem da vida que é essencialmente ilimitada. Que se manifesta ciclicamente e evolui colectivamente através de diferentes

hierarquias ou níveis de consciência. Assim, cada vida é uma aprendizagem, um crescimento cíclico de seres que desenvolvem ou desabrocham cada vez mais o seu potencial ilimitado, tal como referimos no nosso anterior simpósio “A Doutrina Secreta: a Teoria do Todo” há dois anos.

Se olharmos então para as novas descobertas de cooperação entre diferentes espécies, tais como fungos e plantas, ou humanos e bactérias, esta imagem enquadra completamente.

Mas então como podemos colocar o facto do comportamento egoísta?

Resumidamente: isto pode ser explicado porque cada ser tem sempre um libre arbítrio. Um ser pode escolher – baseado no seu nível de consciência – numa maior ou menor extensão entre dois motivos: para si ou para o todo. Conosco humanos, isto é mais consciente porque nós podemos pensar independentemente. E portanto, isto também corresponde a dois caminhos, nos quais, como pensadores independentes, podemos ver a realidade: de si próprio separadamente ou do todo.

Todavia, a partir das três proposições, podemos também aprofundar a questão de como é que a vida evolui. Assim, a ciência já mostrou que as mudanças não acontecem por acaso, mas que na célula se pode ver claramente um processo de trabalhar a que alguns cientistas chamam “cognitivo”.⁽²⁾ Dissemos antes que a maneira como pedaços de DNA são cortados e colados numa célula é semelhante a um cozinheiro inteligente a escolher e colocar os ingredientes exactos em conjunto. A partir da premissa de que a consciência está a trabalhar atrás de tudo o que se vê, isto pode ser explicado bastante logicamente.

Consequências éticas

Assim, se olharmos para estes factos à luz dos princípios universais, tiramos imediatamente algumas consequências para a nossa presente vida. Porque se a consciência dirige o que acontece na matéria, nos nossos corpos físicos, não deveria a maneira como pensamos, a nossa mentalidade, serem tomadas muito mais em linha de conta quando se trata de doença e saúde?

E quando vemos que o comportamento egoísta está ligado a uma visão limitada da vida, apenas uma identificação com a nossa vida exterior, sem a conexão do ciclo eterno com outra vida, não deveríamos espalhar muito mais esta ideia para evitar o sofrimento? Isto é apenas um rápido exemplo das consequências que mostram a aplicação nas nossas próprias vidas.

Finalmente, estes exemplos mostram-nos como podemos

ver as proposições na prática, justamente como o processo da célula. Isso amplia, por exemplo, a nossa perspectiva do conceito “como em cima, assim em baixo”.

Isto é precisamente uma muito breve demonstração de como aplicar o processo cíclico de achar a verdade.

Referências

1. James A. Shapiro, ‘All living cells are cognitive’ (“Todas as células vivas são cognitivas”). Artículo in: *Biochemical and Biophysical Research Communications*, volume 564, 30 julho 2021, p. 134-149. Fonte: <https://doi.org/10.1016/j.bbrc.2020.08.120>; en: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0006291X2031754X>.
 2. No documentário ‘Symbiotic Earth’ (“Terra Simbiótica”), o Prof. James Shapiro define cognição: Cognição é a acção baseada na informação sensorial (1 h 44 n-1h 49m). Isto aproxima-se da definição de vida de Platão, nomeadamente “auto-movimento”, a capacidade para agir e reagir (Sofista, 247e).
-



Venus, o Portador da Luz.

Como viver a VERDADE?

Procure você mesmo, seja quem é

Sejam todos bem-vindos à última conferência deste Simpósio. Hoje – depois das conferências e do oficinas – temos sido capazes de conceber uma perspectiva de grande inspiração da VERDADE ilimitada. Definida como a verdadeira natureza de todas as coisas ou a essência da vida. Mesmo se é apenas uma olhadela, só uma ideia dessa vastidão já é um reflexo da VERDADE de que a nossa consciência é capaz de captar até agora.

Isto deixa sempre uma impressão inesquecível, algo é posto em movimento, mesmo se nós não temos consciência plena disso na altura. E se nós continuamos a pensar nisso mais tempo, para reflectir acerca da infinitude da vida – a única VERDADE – se nós a examinamos e constatamos e, acima de tudo, se a aplicamos nas nossas vidas, a nossa concepção da realidade eleva-se passo a passo. Em resultado disso, desenvolvemos naturalmente cada vez mais e a partir de dentro aquela verdade interior, aproximando-nos por este caminho do nosso mais profundo Eu interior. Nas primeiras duas conferências falámos sobre a unidade fundamental que tudo envolve, e como, a partir desta estrutura espiritual, tudo é essencialmente igual e inextricavelmente conectado. Eis porque a fraternidade é um facto na Natureza. Não se trata de uma convenção

baseada na emoção humana, mas um facto baseado na estrutura espiritual da própria vida. E se a realização disto vivesse no coração de cada um, o mundo seria olhado de forma muito diferente. Uma perspectiva promissora, penso eu.

A VERDADE é aquilo que você é, não aquilo que você conhece

Fraternidade: uma utopia?

Talvez isto soe como utopia, como um pensamento ilusório. A partir daquilo que vemos à nossa volta na vida diária, isso aparece frequentemente como sendo exactamente o contrário. Muitos de nós vivemos, pensamos e agimos a partir de um sentimento de separatividade. E esta ideia, esta ilusão de ser separado dos outros é a causa de todo o sofrimento e dores com os quais somos confrontados hoje em dia. Parece, portanto, não ser nada fácil na vida diária ver *cada pessoa*, em *todas as circunstâncias*, como um igual e como um irmão, e aproximar-se dele como tal. Os nossos enraizados modelos de pensamento – contendo frequentemente um elemento mental de “nós e eles” – jogam certamente nisto um papel importante.

Tudo está potencialmente dentro de nós

Mas, depois de hoje, sabemos que temos todas as potencialidades dentro

de nós para vivermos segundo a VERDADE, como expliquei nas conferências anteriores. Porque nós somos na essência essa VERDADE. Só o conhecimento disto não significa que *se realize* já isso. Porque aquilo que nós somos potencialmente temos ainda que realizar actualmente. Deste modo, o próximo passo é considerar o que temos de fazer. Vamos dar um passo mais próximo de quais os degraus que nós temos de subir para continuar o nosso caminho, para nos tornarmos naquilo que realmente somos. E por que é que deveríamos fazer este caminho interior em primeiro lugar? Erwin já nos deu a chave para isso na palestra anterior.

Consciência compósita

A nossa consciência é compósita. Temos uma natureza dual. Há alguma coisa dentro de nós que já tem consciência da Unidade e da interconectividade da vida. Mas, ao mesmo tempo, há uma parte de nós que não está, ou pelo menos, está menos consciente da Unidade de toda a vida. Nesse caso vemo-nos a nós próprios como separados de tudo o mais.

Entraremos mais profundamente nesta nossa natureza compósita dentro de momentos. Mas o que é agora importante é pensar que aquilo que nós somos capazes de nos aperceber da VERDADE é determinado por aquela parte da nossa natureza dual à qual nós próprios apelamos. Outra vez: VERDADE é aquilo que nós somos e não aquilo que julgamos ser. Se nós queremos, por exemplo, aprender a guiar uma bicicleta, nós podemos ler toda a espécie de instruções acerca disso, ou trocar ideias com outros, mas é apenas no momento em que nós próprios pomos os pés nos pedais que nos tornamos ciclistas.

De que é que precisamos na nossa jornada interior ?

Assim, em ordem a aproximar-nos da VERDADE e nos tornarmos nela, exige-se uma certa atitude perante a vida.

Maravilhamento - mente aberta

Em primeiro lugar, permitir a maravilhamento, uma *mente aberta* e inquiridora; uma mente que ama a Verdade. Este é o primeiro pré-requisito. É talvez a pré-condição mais importante, ou a atitude da vida para compreender a VERDADE.

Assim, o que é que significa exactamente maravilhamento e mente aberta? Ora, não podemos nunca conseguir uma visão mais ampla limitando as nossas ideias àqueles que formaram a nossa perspectiva corrente. Como disse Einstein. “Nós não podemos resolver os nossos problemas com o mesmo modo de pensar que utilizámos para os criar.”

Em resumo, nós devemos ser abertos para expandir o nosso modo de pensar. Portanto: estejamos sempre abertos para pensamentos novos. Quando vemos qualquer coisa acontecer que nos maravilha, estimemos esse momento, não formemos imediatamente uma opinião, não julgemos demasiadamente cedo. Mas alimentemos essa maravilha investigando-a. Isto implica sempre uma aproximação activa.

Por que é que alguma coisa acontece da forma que acontece? Qual a causa que o envolve? Quais são os argumentos e as ideias dos outros acerca do que nós observamos? É uma atitude com a qual deixamos de lado todos os nossos preconceitos, juízos e suposições. Criamos, por assim dizer, espaço para novas ideias afim de serem examinadas. E a cada momento novas ideias ampliam a nossa visão, dão mais profundidade, será expandido um conhecimento prévio parcial da VERDADE. Por outras palavras, a VERDADE aproxima-se cada vez mais por causa do maravilhamento e da abertura da mente. Por esta forma progredimos continuamente na nossa compreensão da VERDADE. Não aceitemos mesmo novas ideias sem refletir sobre elas, porque isso não é seguramente o que queremos dizer quando falamos de mente aberta. Mas pensemos bem. Examinemos ideias no seu valor ético, na sua universalidade e lógica, as três ferramentas interiores a que nos referimos na nossa segunda conferência. Se estas ideias não se subordinam a estes três critérios, não vale a pena examiná-las mais. Outro aspecto respeitante à verdade – vendo precisamente um programa de entrevista sobre alguma ocorrência na sociedade – o foco não é tanto na mensagem, mas no mensageiro que a traz. Em vez de a mensagem ser examinada no seu valor lógico e ético, quem está a ser julgado é quem a emite. Mas se enquanto mantivermos a imagem central e nos aproximarmos dela com uma mente aberta, criamos a circunstância exacta para chegar à essência da mensagem.

Auto-eficácia / auto-suficiência

Outro critério importante para a aproximação da verdade é evitar estar dependente do que os outros pensam ou nos impõem – mesmo se são autoridades. É importante aprender a pensar independentemente, porque a Verdade não pode ser imposta do exterior, mesmo se for um professor ou um livro sagrado. A sabedoria é qualquer coisa que vem de dentro.

Naturalmente podem as tradições religiosas e filosóficas e as pessoas que nos rodeiam inspirar-nos. Mas esta inspiração é apenas um estímulo exterior para activar e expressar

aquilo que já existe dentro de nós. Mas precisamos de fazer nós próprios o trabalho necessário. Temos que experienciar isso por nós próprios para construir independentemente uma convicção interior. A auto-eficácia previne-nos da imitação ou de papaguear outros sem realmente saber em que é que as coisas se baseiam.

Força de vontade espiritual

Um terceiro aspecto que é importante é a nossa força de vontade espiritual. E por isto não queremos referir-nos a uma força mecânica ou externa, mas a uma força espiritual que vem de dentro. O guia interior que nos impulsiona sem cessar para encontrar a VERDADE.

Pois pode acontecer que não experiencemos a VERDADE imediatamente, ou que vejamos imediatamente todas as consequências. Pensemos na realização da paz em tempos de guerra, por exemplo. Isso não requer apenas esforço, mas também uma certa quantidade de paciência para a qual a perseverança é essencial. As coisas não são agradáveis para nós quando se fala de perseverança, mas quando temos que quebrar uma noz dura, somos muitas vezes tentados, por falta de visão – a começar com desculpas, tais como: “Que posso eu fazer acerca disso?” “Eles fazem o que querem, de qualquer maneira”; “Eu nunca vou descobrir”; ou “Isto foi sempre assim”.

Uma atitude como esta pode resultar em indiferença ou desânimo que nos isola cada vez mais do que nos rodeia, fazendo com que nos desliguemos deles, experienciando menos e responsabilizando-nos cada vez menos por eles. E ainda acreditamos que temos de quebrar cada noz kármico em alguma altura, porque, quando o ignoramos, apenas o adiamos para o futuro. *Como se olha para algo e a partir de* que verdade se vive, traz sempre consequências. E nem sempre vemos isso de uma forma clara.

O que é importante aqui é que, quando chegamos a uma certa conclusão, precisamos de força de vontade espiritual para testar as suas consequências, de forma a conhecê-las com maior detalhe. É a única maneira de investigar se aquela conclusão está correcta. E testá-la significa em verdade viver as suas consequências, para verificar se a conclusão é correcta ou não. Assim, nós não necessitamos apenas de ter força de vontade espiritual para achar a Verdade, mas também viver por meio dela, expressando-a. Um grande desafio para os nossos tempos presentes, nos quais estamos constantemente distraídos por toda a espécie de coisas como celulares, Instagram ou Facebook. Há com frequência uma corrida desenfreada de sensações acerca de toda a espécie de coisas que acontecem à nossa

volta. E nós queremos ser uma parte disto. Queremos ter um “feeling” acerca de qualquer coisa, uma opinião. Mas a procura de sensações não tem nada a ver com a procura da VERDADE. Pelo contrário, esta corrida cria fadiga, nervosismo, e pode levar-nos a uma situação em que nos tornamos exaustos e incapazes de fazer o que quer que seja. Tornamo-nos indiferentes ou desanimados.

Por isso, nós acreditamos que a força de vontade espiritual fornece-nos o objectivo por meio do qual, em conjunto com aquelas condições prévias, somos capazes de atingir a VERDADE. E quando usamos a nossa força de vontade espiritual para encontrar mais verdade, através das ideias universais éticas e lógicas, aproximamo-nos da Verdade cada vez mais. Desenvolvemos a faculdade da perspectiva que nos capacita para distinguir a ilusão, o impermanente da vida material exterior das coisas que efectivamente nos interessam. As coisas que sustentam a harmonia mundial na qual a tolerância e o respeito baseado na igualdade são uma dádiva, um mundo no qual nós tratamos os outros como desejaríamos ser nós tratados.

Confiança no seu EU

Bem, as condições referidas contribuem para a atitude ou mentalidade correcta para encontrar mais verdade. Talvez haja algo mais, mas há mais um que gostaríamos de exprimir agora e a que chamamos “Confiança”. Por isto não queremos referir-nos a sistemas externos ou semelhantes, mas a uma confiança nas nossas capacidades interiores. No nosso próprio conhecimento, na nossa consciência e intuição. Uma confiança que cresce correspondentemente com a realização de que nós somos essencialmente a Verdade ilimitada. Essa Verdade vem de dentro e nós somos capazes de nos tornarmos nela cada vez mais. É esta fé – sabendo o que nós somos em essência – que nos dá esta confiança ou convicção. E uma vez que esta essência mais profunda é a mesma em qualquer pessoa, esta confiança aplica-se também na verdade para toda a vida aos homens nossos companheiros.

Ancoragem na atitude perante a vida.

Em conclusão, quando estes resultados, estas atitudes estão embebidas na nossa vida, e como se pode ver não se trata de regras de conduta ou de prescrições, mas antes de um tema de mentalidade, então criamos um modo de pensar harmonioso que faz desaparecer todas as dúvidas. Porque sabemos que seja qual for o desafio que defrontemos em conjunto, há sempre uma solução se a procurarmos dentro de nós. Tudo o que temos de fazer é activá-la,

expressar aquilo que já existe dentro de nós. E detendo esta atitude jamais julgaremos os outros. Não excluiremos ninguém, não importando os erros que façam. Não, nós faremos tudo o que pudermos para nos trazeremos a nós próprios e aos outros de volta ao seu âmago interior.

A nossa natureza compósita: imperecível, transitória, parte de aprendizagem

Até agora vimos que a procura independente da VERDADE está directamente relacionada com o desenvolvimento independente e a activação das faculdades interiores. A qualidade da VERDADE é determinada por aquelas faculdades para as quais apelamos de dentro de nós próprios. Um discernimento claro destas faculdades interiores é essencial quando nós queremos encontrar e viver conscienciosa e independentemente a VERDADE. Assim, vamos agora deitar um olhar de mais perto a essas faculdades interiores. Como falámos anteriormente sobre isto de forma abreviada, nós somos constituídos por três partes. Neste diagrama mostraremos o que é que essas partes representam e como é que elas cooperam numa integral unidade para expressar a VERDADE. E quando nós compreendemos como é que isto funciona, estamos em condições de trabalhar com isso e, por outras palavras, viver a VERDADE.



Parte imperecível

Primeiro que tudo temos dentro de nós uma parte imperecível, que ela própria é um reflexo da Realidade Una. Nesta parte imperecível nós temos em latência todas as potencialidades ilimitadas, esperando para serem desenvolvidas e conscientemente expressas.

Parte transitória

A parte mais baixa da nossa constituição é a parte transitória. Esta parte transitória é o nosso veículo no qual nós encarnamos para nos expressarmos a nós próprios neste mundo. E como podemos ver, “nós não somos o nosso corpo, mas *temos* um corpo”.

Parte da aprendizagem

Finalmente a parte do meio, a nossa parte que aprende. É o que nós somos como seres humanos, que temos desenvolvido desde há longo tempo a partir do nosso âmago infinito. Esta parte é o intermediário entre a parte imperecível e a parte transitória. A parte que aprende na nossa constituição é o elo de ligação para a nossa fonte interior da VERDADE, a parte imperecível.

A nossa natureza dual

Vamo-nos alargar na nossa parte que aprende, porque podemos então reconhecer que ela tem uma natureza dual.

Uma parte identifica-se com o corpo, com a nossa parte transitória. Assim, chamamos-lhe “YOLO”... (you only live once, ou seja, só se vive uma vez) até que essa parte se desintegra no fim da vida. A outra parte identifica-se com a parte imperecível. A essa parte chamamos nós o Buscador da VERDADE interior.

Efeitos e desafios

Aqui reside o desafio para nós – como parte que aprende. Escolheremos ser YOLO ou Buscadores da VERDADE? Com que é que nos identificamos? Qual é a nossa realidade? Quem é que queremos ser?

Se nos identificamos nós próprios com o YOLO, então a parte transitória é a realidade, aquilo que pensamos que somos. Mas isto tem um valor duradouro? A mais importante parte da nossa vida é satisfazer os nossos desejos pessoais? É esse o foco da nossa vida, à volta da qual tudo o mais se desenrola?

Ou identificamo-nos nós próprios com o Buscador da VERDADE, com todas as perspectivas e lições acumuladas aprendidas em vidas passadas? O nosso sentido de unidade e justiça, os nossos ideais universais e nobres pensamentos?

Como buscadores da VERDADE, estamos sempre a olhar para cima, a nossa força de vontade a reflectir um esforço constante para estimular toda a vida para seguir em frente. Cada vez que conectamos com o buscador da VERDADE, contactamos com a parte imperecível em nós, o laço da infinitude, da vida ilimitada. E de cada vez que fazemos isto levantamos um véu, desenvolvemos mais a potencialidade ilimitada da nossa fonte imperecível. E compreendemos: a parte imperecível dentro de nós está já constantemente activa. A sua influência chega até nós através do Buscador da VERDADE. Todos nós descobrimos esta influência quando a descrevemos. Por exemplo,

quando observamos a injustiça, sentimos uma dor no coração porque aquilo que nós vemos, o que sentimos ou experienciamos é contra tudo o que já sabemos anteriormente. A nossa consciência entra em jogo. O nosso sentido de unidade e justiça é chamado a intervir. Queremos fazer alguma coisa acerca da injustiça. E quando transportamos esta aspiração e perguntamos a nós próprios: “Como posso eu eliminar esta injustiça ou tristeza”, e desejamos saber a resposta, então abrimos o portão ao nosso coração. E por meio do Buscador da VERDADE a nossa consciência, a nossa intuição, o bem universal, as ideias lógicas e éticas, podem passar a conduzir o alívio do sofrimento.

Bem, considerando esta imagem de quem realmente somos – aquele imperecível – convida-nos a compreender que, como seres humanos, somos muito mais do que aquilo que pensamos que somos. Somos um reflexo do ilimitado.

Consequências e desafios

Mas há outro desafio à nossa espera. Enquanto ainda não dominamos ou enobrecemos o nosso YOLO dentro de nós ou enobrecemo-lo para o Buscador da Verdade, seremos confrontados com conflitos interiores. Trata-se dos momentos em que nós ignoramos a influência da nossa consciência e intuição. Ao ignorarmos aquilo que já conhecemos interiormente isso evoca conflito interno. A nossa consciência fala.

O desafio agora é que o Buscador da Verdade esteja no comando do Yolo, para o governar. Quer dizer, não se trata de rejeitar ou compelir o YOLO, mas estimulá-lo de forma a que a nobre influência do mais elevado se possa expressar. Até que eles se fundam, por assim dizer, ou trabalhem em conjunto como os dedos de uma mão. Quando realizamos isto, os conflitos interiores não ocorrem mais, mas a harmonia interior prevalecerá.

Isto é, naturalmente, um processo de crescimento, Na palestra anterior nós mostrámos isto num diagrama. O processo cíclico de encontrar a Verdade antes de alcançar aquela harmonia interior. Lembremo-nos que até alcançar aquela harmonia interior podemos aprender com os nossos desafios interiores. Os nossos erros serão oportunidades para aprender. E a todo o tempo nós tropeçamos num momento de fraqueza, voltamos atrás e pelos nossos próprios pés seguimos em frente. Mas então a cada momento um pouco mais enriquecidos com as lições aprendidas a partir dos nossos erros.

A Verdade é aquilo que você é

Em conclusão: tenha uma mente aberta, seja auto-suficiente e independente, implante o seu poder de vontade espiritual e tenha fé no Buscador da Verdade dentro de si próprio, de modo a que não nos desviemos nunca mais do caminho.

Tudo isto é um processo interior que não depende de outras circunstâncias.

Amor pela Verdade. Consequências (em nós próprios e no mundo)

Quando amamos a Verdade, identificados com o Buscador da Verdade dentro de nós, então começamos a viver a Verdade, então ganharemos perspectivas mais profundas. Aprendemos a reconhecer a conexão, a conectividade e a causalidade. Então sabemos como implementar aquelas ideias universais e éticas. Pensamos que nem todos os problemas podem ser resolvidos imediatamente, mas nós temos paciência e autoconfiança, porque estas tentativas não podem sempre ser alcançadas numa única vida, é preciso pensar e esforçar-se durante vidas. E em conjunto com o indomável poder da vontade, faremos todos os esforços para realizar aquelas perspectivas universais.

Conhecendo a Verdade = Vivendo a Verdade = compartilhando a Verdade = Dharma

Quando nos identificamos com o Buscador da Verdade, partilharemos as nossas perspectivas naturalmente. Focando-nos incessantemente nisso, transportamos dentro de nós aquele sentido de unidade. A nossa focagem abre, por assim dizer, o tesouro da Natureza no qual *A Voz do Silêncio* sussurra para nós:

Se tivéssemos esse fluxo de conhecimento à custa de suor, de Sabedoria proveniente do céu, permanecer nas doces águas correntes, então não devíamos deixá-lo para nos tornarmos um lago estagnado. As suas águas puras devem ser usadas para adoçar mais as amargas águas do oceano – aquele poderoso mar de tristeza formado pelas lágrimas dos homens. Apontando o “Caminho” tal como o faz a estrela da manhã àqueles que percorrem o seu caminho na escuridão.⁽¹⁾

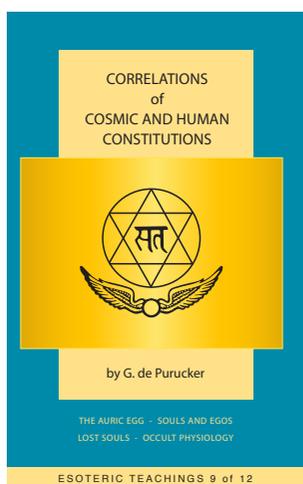
Referência

1. H.P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio*. Fragmento III (duas primeiras citações) e Fragmento II (terceira citação).

Ensinaamentos Esotéricos

volume 9 de G. de Purucker

Continuamos as nossas revisões de Gottfried de Purucker's *Esoteric Teachings* (Ensinaamentos Esotéricos) com o volume 9.



Pensamentos-chave

- » O Volume 9 dos Ensinaamentos Esotéricos descreve a correlação entre a natureza composta do homem e o cosmos.
- » Um ser humano é composto por sete princípios de consciência e é também um composto de várias mônadas.
- » O ser humano total está envolto no Ovo Áurico, um envelope que se estende até aos confins do nosso Universo.

Este volume intitula-se: *Correlations of Cosmic and Human Constitutions*. (*Correlações das Constituições Cósmica e Humana*).⁽¹⁾ Gottfried de Purucker (GdP) elabora o conhecido axioma hermético: tal como acima, assim abaixo. A consciência humana, na sua complicada multiplicidade, é uma cópia em miniatura das forças e aspectos tal como existem no grande Cosmos, de facto, que compõem e são o Cosmos. (Escrevemos Cosmos com um C, quando nos referimos às regiões interiores da nossa galáxia. O Kosmos (com um K) é utilizado na Teosofia para o nosso sistema solar). Para quem quiser compreender mais sobre a consciência composta, este volume é uma obrigação. Deve estar entre o material obrigatório de qualquer pessoa que estude psicologia. E não somos todos nós psicólogos, pessoas que querem conhecer-se a si próprias? Os ensinamentos parecem muitas vezes difíceis, mas a dificuldade reside mais no facto de serem diferentes do que é vulgarmente conhecido. Mesmo as pessoas que estudaram Teosofia durante muitos anos ficam frequentemente surpreendidas com a forma como GdeP explica a natureza composta do homem neste livro. No entanto, se começarmos a compreender o que ele está tentando explicar,

abre-se um mundo de ideias novas e muito inspiradoras.

Ovo áurico

A natureza composta do homem é descrita neste Ensinaamento a partir de diferentes perspectivas. Antes de mais, GdeP dá ensinamentos sobre o Ovo Áurico. Ele fornece informações sobre este assunto que, segundo o meu conhecimento, não podem ser encontradas em nenhum outro lugar da literatura teosófica. Ele vai mais longe aqui do que H.P. Blavatsky nas suas Instruções Esotéricas III.⁽²⁾ Este livrinho é, portanto, uma grande ajuda para compreender melhor essa instrução de Blavatsky. Muitas vezes, o Ovo Áurico é restrito à aura que rodeia o ser humano físico. O Ovo Áurico, no entanto, é um Ovo de Auras. Como os seres humanos são compostos e constituídos por diferentes princípios de consciência e mônadas – um tópico que o GdeP abordará num capítulo posterior – existem também diferentes auras. Em cada área do Ovo Áurico – o divino, o espiritual, o mental, o elemento desejo, o astral – existe uma aura. Todas estas auras juntas formam o Ovo Áurico, ou uma concha em forma de Ovo em camadas que envolve todo o ser humano.

Composto - princípios e mônadas

Outra forma de explicar o composto do homem é partindo dos princípios da manifestação: Ātman, Buddhi, Manas, Kāma, Prāṇa, Līṅga-Śarīra e Sthūla-Śarīra. Os sete princípios de manifestação são sete formas de “material”. (GdP usa a palavra “material”). Esta classificação pode ser encontrada em muitas obras teosóficas. H.P. Blavatsky começa com esta classificação, que é talvez um pouco mais fácil de compreender do que a classificação das mônadas. De acordo com o plano do Mestres de Sabedoria e Compaixão, a doutrina da consciência composta deveria ser introduzida gradualmente a partir destas classificações: Ātman, Buddhi, Manas, Kāma, Prāṇa, Līṅga-Śarīra e Sthūla-Śarīra.

No entanto, se aprofundar a obra da Sra. Blavatsky, começando com uma nota de rodapé da segunda Proposição Fundamental de *A Doutrina Secreta*, (volume 1, página 17 da edição original inglesa), e mais tarde nesse mesmo livro, página 610 (edição original inglesa), numa obra muito extensa, verá que ela também assumiu o homem como um composto de diferentes mônadas. Em obra anterior – *The Fundamentals of Esoteric Philosophy* – GdeP tinha elaborado esta doutrina, mas ela aparece ainda mais extensivamente neste livro.

Será que este ensino contradiz o ensino dos sete princípios da manifestação? Certamente que não! Se ler atentamente este *Teaching*, compreenderá que estes ensinamentos se complementam mutuamente.

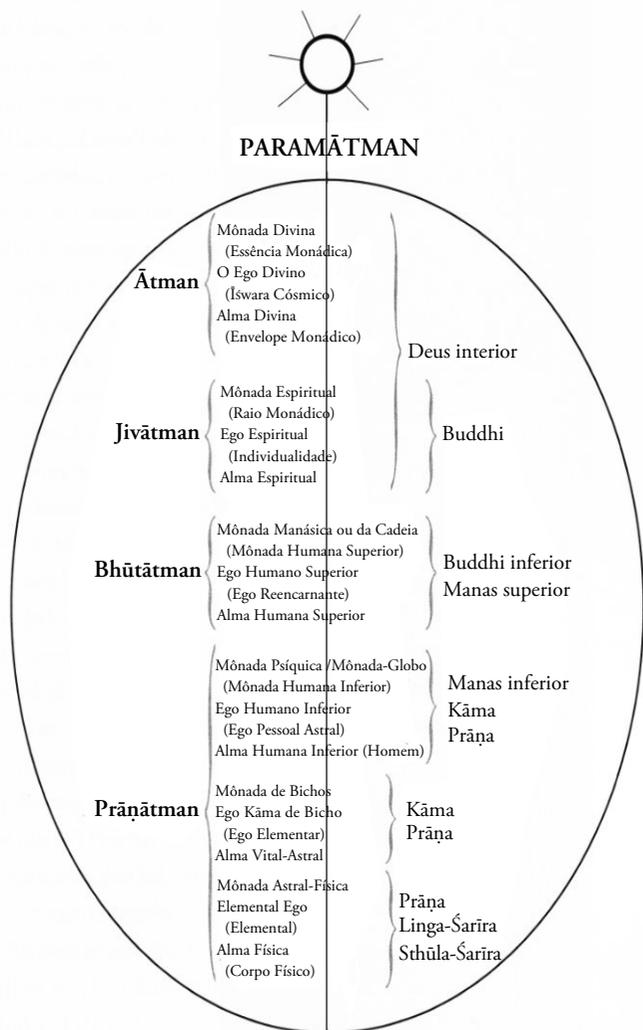
Os sete princípios de manifestação são os elementos de construção universal de todo o Cosmos e cada mônada tem dentro de si estes princípios, embora nem todas as mônadas tenham desenvolvido ou expressado estes princípios igualmente. Já foi explicado num *Teaching* anterior que as mônadas são “centelhas divinas”, centros de consciência que são essencialmente ilimitados. O grau de desenvolvimento de uma mônada – ou o grau em que as suas faculdades inerentes são activadas – determina o seu nível ou estatuto. Portanto, pode-se falar de uma mônada divina, espiritual, humana, ou animal (ou mônada bicho como GdeP prefere chamar-lhe). Cada uma das mônadas que constituem o ser humano total expressa em particular alguns destes princípios ou elementos de consciência. (Ver diagrama ao lado).

A mesma estrutura encontra-se no Cosmos, embora lá chamemos as diferentes mônadas por nomes diferentes. O homem é o microcosmo. Portanto, em cada ser humano existe um Deus vivo, um Buddha vivo, um Mestre de Sabedoria vivo. Pode abrir-se à influência destas mônadas mais

desenvolvidas no fluxo de consciência que é. Deve então despertar em si mesmo as características das mônadas superiores. Falamos então de discernimento, compreensão, compaixão, em suma, os aspectos superpessoais da consciência. Pense em todo o ser humano como um Ovo Áurico, alcançando os limites do nosso Universo, no qual diferentes mônadas, cada uma ao seu próprio nível de desenvolvimento, trabalham em conjunto. Cada mônada vive num dos sete reinos cósmicos, emana de si mesma raios ou correntes de vitalidade, forma um veículo no reino cósmico onde pertence para ali ganhar experiência. Ao ler calmamente esse *Teaching*, você é lentamente atraído para esta imagem. Ele fornecerá a você o combustível do pensamento com o qual você poderá seguir em frente por toda a vida – ou talvez por várias vidas.

“Subir” e “descer”

Se ponderar cuidadosamente os primeiros capítulos deste volume, muitos ensinamentos teosóficos serão muito mais fáceis de compreender. Compreenderá melhor



como subir ao espiritual e como trocar o temporário pelo permanente, mas compreenderá também que existe a possibilidade de “desistir”.

O curso natural de qualquer mônada é alinhar-se com aquilo que está “acima” dela. O animal dentro de nós concentra-se no humano pessoal e num futuro distante atravessará o limiar para o reino humano e tornar-se-á um ser humano principiante. O humano pessoal, se completar com sucesso a sua jornada evolutiva, “desempacotará” de dentro daqueles aspectos que já foram desempacotados agora pelas mônadas que estão mais avançadas. E assim por diante. Estamos crescendo juntos.

No entanto, há também um movimento contranatural. Isso é abordado neste *Teaching* quando o GdeP discute o tema das “almas perdidas”. É claro que a mônada imortal não pode ser perdida. Em casos muito raros, porém, um ser pode identificar-se com os domínios inferiores da existência de tal forma que se desprende do fluxo de consciência de que faz parte. O cordão “arrebenta” e a mônada terá de recomeçar a sua peregrinação através dos reinos da natureza, como este *Teaching* explica claramente. Como mencionado, esta “recaída” é um movimento contranatural. O caminho natural é ascendente, em direcção ao espírito. Nessa viagem, desenvolvemos capacidades e poderes que outros não possuem. GdeP pergunta-nos de forma penetrante: para que fins os empregamos? Há objectivos pessoais ou egoístas? Ou será que desenvolvemos estas capacidades para melhor servirmos os nossos vizinhos?

Fisiologia oculta

O último capítulo deste *Teaching* trata da fisiologia oculta, embora o GdP diga que o faz com muita contenção. Porquê? Antes de mais, porque ao aprender sobre a composição e estrutura do corpo humano, não se faz progresso espiritual. Mas mais importante ainda, a fisiologia oculta exerce uma curiosa atracção sobre a mente ocidental em particular.

Como resultado, pode-se começar a experimentar os conhecimentos relativos, por exemplo, aos *chakras* ou hatha-yoga. Isto é perigoso, especialmente porque os estudos exotéricos sobre estes temas tendem a dar uma imagem falsa. Pode levar a doenças físicas graves, mas também, e ainda mais grave, a todo o tipo de perturbações psicológicas.

No entanto, inteiramente de acordo com os ensinamentos sobre a natureza composta do homem, o corpo é o templo de um deus vivo.

Tesouro de sabedoria

Escusado será dizer que uma breve revisão como esta não faz plena justiça ao rico conteúdo deste pequeno livro reeditado pela Fundação I.S.I.S. Juntamente com os outros onze *Esoteric Teachings*, ele constitui uma fonte de profunda sabedoria. Cada teosofista presta um mau serviço a si próprio ou erra se não estudar estes Ensinamentos.

Referências

1. G. de Purucker, *Correlations of Cosmic and Human Constitutions*, (*Correlações das Constituições Cósmica e Humana*), *Esoteric Teachings* Volume 9. Fundação I.S.I.S., Haia 2015.
 2. H.P. Blavatsky, *Collected Writings*, Vol. XII, p. 581-652. The Theosophical Publishing House, Wheaton.
-



Erwin Bomas

O portadores da luz na nossa sociedade

Frans Douw

Todos temos no nosso interior capacidades nobres e altruístas. Quer as utilizemos ou não. Há pessoas na nossa sociedade que expressam claramente isto nas suas vidas. Podemos, portanto, chamar-lhes em rigor a eles *portadores da luz*. Eles merecem a nossa atenção, porque podem inspirar-nos para activar o nosso potencial interior e trazer mais luz para o mundo. E eis a razão pela qual vamos começar uma série de artigos no *Lúcifer* onde vamos apresentar, em cada artigo, um portador da luz bem conhecido ou talvez menos conhecido dos nossos leitores. Neste primeiro artigo a nossa atenção vai para o ex-director de uma prisão Frans Douw.

Quem é Frans Douw?

Frans Douw é um ex-director de uma prisão. Ele era director de várias prisões. É também autor do livro *Het zijn mensen* (“Eles são humanos”; EB), no qual ele olha para trás na sua carreira e retira importantes lições dela.⁽¹⁾ Para além disso, ele é cofundador da *Fundação para a Recuperação e Retorno*, a qual está vocacionada para reunir todos aqueles que estão envolvidos nos impactos do crime-vítimas, ofensores, famílias e profissionais, tendo em vista a recuperação.

Eles são humanos

O título que Frans Douw escolheu para o seu livro “Eles são humanos” revela muito. Mostra-nos que Frans Douw olhava deliberadamente os prisioneiros de uma certa maneira. Douw via que, no actual sistema legal, as pessoas são muitas vezes julgadas pelo crime que cometeram e

portanto isso redu-los a serem criminosos. Mas uma pessoa não pode ser classificada, diz Douw.⁽²⁾ Um criminoso pode ser ao mesmo tempo um pai amoroso ou um artesão muito bom. Para Douw isso não pode ser uma questão teórica.

Por exemplo, neste livro ele fala de um recluso Gillis, que era um camponês dirigente de um bando de motoqueiros e preso por suspeita de vários crimes. Quando Frans Douw se tornou director e sugeriu a ideia de criar jardins na aborrecida prisão, ele encontrou imediatamente resistência. Não custará muito dinheiro? Teremos controle sobre isso? Não irão crescer ervas daninhas? Mas vamos a comprar algumas sementes e plantas no supermercado e deixe os empregados e os presos começarem a trabalhar. De imediato Gillis tomou a direcção. Ele aprendeu toda a espécie de conhecimentos sobre jardinagem, aprendeu a trabalhar com as raízes e

treinou os presos seus companheiros para se tornarem jardineiros. O jardim expandiu-se a pouco e pouco. Cavarum um lago e deixaram os peixes nadar nele. Começaram a crescer os seus próprios frutos e vegetais numa velha estufa.

A pedido dos próprios prisioneiros, os frutos e os vegetais foram doados ao Banco alimentar, de modo a que as pobres crianças, como eles próprios tinham sido no passado, pudessem também comer comida saudável e biológica.

Frans conta que uma vez recebeu a visita de um colega, um director de uma prisão americana e a sua família, onde mostraram então os arredores dos jardins cultivados por Gillis, incluindo um grande barracão cheio de ferramentas, tais como cortadores de erva, motosserras e machados. O americano sentiu-se visivelmente desconfortável. Mas Frans e Gillis asseguraram aos visitantes que as ferramentas só eram utilizadas pelos presos que as sabiam utilizar.

Frans conta como esta visita causou tal impressão no americano que o filho da família decidiu estudar criminologia e trabalhou para implantar na América este sistema prisional. Um grande exemplo de inspiração.

Emanação e confiança

O exemplo de Gillis caracteriza a confiança que Frans dá aos seus detidos. O seu livro “Eles são humanos” está cheio de histórias como estas. Estas histórias mostram também os efeitos positivos que emanam desta confiança. Um belo exemplo daquilo a que em Teosofia chamamos “emanção” ou literalmente “fluindo”. Cada ser emana uma certa esfera ou característica de consciência, consciente ou inconscientemente, que provoca no outro uma certa consciência dos outros, também consciente ou inconscientemente. Por exemplo, se emanamos uma esfera de natureza inspiracional, baseada no interior de uma pessoa por detrás do detido, activamos também o lado humano no outro. Com Frans Douw, isto é parcialmente intuitivo, mas também um processo parcialmente escolhido por si próprio.

Durante a sua própria juventude, como arruaceiro, crescendo nos bairros desfavorecidos de Haia, ele experimentou por si próprio o que é ser condenado e expulso da escola várias vezes, a maior parte das vezes por ter dificuldade em lidar com a autoridade, assédio ou injustiça. Naquele período, ele entrou em contacto com pessoas a balançar no fundo da escada da vida social. Pessoas que estiveram em contacto com a violência ou tiveram um passado criminal. Também foi parar à cadeia várias vezes na adolescência por

má conduta e ladroagem. Uma freira alemã de 82 anos de idade tomou-o a seu cuidado e convenceu-o de que ele não era o único que estava a lutar na vida, como ela, como mulher alemã no pós-guerra nos Países Baixos, poderia contar. Ela assegurou-se de que ele conseguiu o grau de educação pré-vocacional. E com um louvor.

A partir deste passado, Douw ensinou como deslizar ao longo das franjas da sociedade. Isto pode fazer com que ele perdoe claramente àqueles companheiros seres humanos que não conseguem resistir à tentação de resistir ao limite e portanto deslizarem para o crime. Eu não sou melhor do que eles, disse numa entrevista acerca dos prisioneiros quando era director. Porém, vemos com Douw que o seu perdão e confiança nos homens seus companheiros não derivam de uma visão negativa do ser humano – aquele homem seria facilmente enganado, seria pecaminoso ou vítima das circunstâncias. Não, pelo contrário, com ele a confiança começa a partir do ponto de vista de que cada ser humano pode ser uma força positiva no mundo e contribuir para a sociedade. Disto é ele próprio um exemplo com a sua própria vida. Por exemplo, ele fala de situações nas quais a sua própria vida foi ameaçada, mas saiu delas sem usar a violência. “Promova o contacto,” disse ele sobre isto.

Ou, por outras palavras, dirija-se ao lado humano do outro. Isto não é um truque de Douw. Isso está na sua própria mentalidade desenvolvida. Se ele se tivesse aproximado dos detidos com a sua própria agenda ou por outros motivos ulteriores, eles ter-se-iam apercebido disso imediatamente.

O modo como ele trata com os seus internados está em linha com a visão do homem como é perspectivada pela Teosofia. Um ser humano é, na essência, um ser divino espiritual, tem dentro dele todas as potencialidades latentes e está sempre a aprender, consciente ou inconscientemente, para exprimir o seu potencial interior.

Punição ou restauração

Sem surpresa, Douw é particularmente crítico em relação à política de agravamento severo dos castigos, a partir da sua visão humanista. O seu livro mostra que ele protestou bastante contra isto durante a sua carreira. Ele próprio é claramente um advogado da restauração da justiça e está agora, depois da sua reforma, totalmente entregue a isso através da sua *Fundação para a Recuperação e Regresso*.

A Justiça reintegradora mudou o objectivo para abordar o crime do castigo para a reintegração. Isto ajuda os prisioneiros a regressar à sociedade. Tal como muitas partes

interessadas, preferivelmente incluindo as vítimas, que estão envolvidas, tanto quanto possível.

Esta aproximação alinha muito bem com a perspectiva teosófica do karma. Visto a partir do karma, a vida é um grande tecido, ao qual todos os seres estão ligados. E todos os seres estão inextricável e eternamente conectados, porque eles são, na sua mais profunda essência, Um só: o princípio central da Teosofia. Isto ajuda activamente os ex-prisioneiros a regressar à sociedade. As pessoas cometem crimes quando eles erram a reconhecer a unidade e agem a partir da separatividade. Actualmente, estas pessoas necessitam de conhecimento, de autoconhecimento. Eles não experienciam a unidade dentro deles próprios e portanto nem com os outros. Mas porque cada ser humano é essencialmente essa unidade, precisamos de nunca perder a coragem quando tentamos despertar isso noutras pessoas. Pode não se ser bem sucedido numa única encarnação em transformar uma pessoa que cometeu um crime num místico compassivo, mas a perspectiva desta potencialidade trará o restabelecimento da harmonia mais depressa. E só aquelas pessoas que despertaram esta potencialidade dentro delas numa certa medida são capazes de ajudar os outros a fazê-lo. Felizmente há portadores da luz como Frans Douw, dos quais podemos retirar um exemplo.

Finalizamos este artigo com uma nota apropriada de William Quan Judge, Dirigente da Sociedade Teosófica entre 1891 e 1896.⁽³⁾

Qual é o significado e o objectivo da expressão “Fraternidade Universal” ?

Eusebio Urban (pseudónimo de Judge):

Ouvi falar acerca de “raiva justificada”, “retirada adequada de simpatia” e “punição de malfeitores”, mas estes parecem não teosóficos e opostos à Fraternidade Universal. Os ensinamentos de Jesus e de Buddha insistem sobre o perdão e da Simpatia Universal. Por consequência, parece-me que, embora os egoístas possam infringir os meus direitos, eu devia pelo menos perdoar as ofensas, estender para eles a minha simpatia pela sua perda e degradação espiritual. Ao insistir na corrente oposta, os teosofistas ignoram a lei da natureza bem conhecida dos ocultistas, ou seja, que as emanções mentais têm efeito em todas as direcções, causando distúrbios ou criando harmonia. Cada atitude punitiva assumida por mim actua em ambos, em mim e no meu irmão, produzindo nele uma tendência para repetir o acto condenado e produzir em mim quaisquer que sejam as

sementes do mal que eu possa fazer. Entretanto, através da minha “raiva justificada”, aquilo a que eu chamo os meus direitos estão de momento protegidos e declarados, o efeito real e interior é mau e os resultados nesta encarnação como na seguinte são dolorosos. Cada vez que assim julgo e executo a sentença contra um homem meu companheiro, eu atraio para mim mesmo a partir dele certas influências bem conhecidas e poderosas, que permanecem naquela parte da sua natureza que ocasionam o seu erro, e portanto os meus próprios erros e as minhas más tendências são fortalecidas. Buddha disse: “O ódio nunca acaba com o ódio”. Estes “direitos” que nós cuidamos tanto com protecção são meramente autodeclarados e nós não temos outros direitos senão aqueles que o nosso karma dispôs para nós.

Referências

1. F. Douw: *Het zijn mensen (Eles são humanos)*, Contacto Atlas, 2021.
 2. Ver ref. 1.
 3. W Q Judge, *Echoes from the Orient*, Vol. II, Theosophical University Press, Pasadena, E.U., (edição revista), p. 253-254 (2009).
-



Porque é que esta revista se chama *Lúcifer* ‘o Portador da Luz’?

No século XXI, os preconceitos ainda existem. Talvez um dos mais persistentes seja a representação de Lúcifer como o diabo. Mas Lúcifer é tudo menos um diabo, como demonstraremos neste artigo em que explicamos porque é que a nossa revista se chama *Lúcifer*.

Pensamentos-chave

- » A palavra latina Lúcifer significa Portador da Luz, a ‘estrela da manhã’, por isso Vénus.
- » Lúcifer é uma das muitas figuras míticas que descem do céu para fazer um trabalho que é benéfico para a humanidade. Eis um grande mistério que é enormemente inspirador.
- » A nossa revista *Lúcifer* é uma plataforma onde as pessoas procuram a verdade. Mas também mostramos as formas como podemos aplicar essa verdade na prática da vida. Por conseguinte, continuamos a publicar soluções inspiradas na Teosofia para todos os grandes problemas.

Quando H.P. Blavatsky lançou a primeira edição da revista inglesa em 1887, ela não lhe chamou *Lúcifer* sem razão. No seu tempo, o nome Lúcifer permaneceu sob uma luz ainda mais desfavorável do que hoje. Nessa primeira edição, Blavatsky explica longamente porque escolheu este nome.⁽¹⁾ Ela demonstra a incongruência de identificar Lúcifer com o diabo. Segundo Blavatsky, vai contra toda a lógica e mostra uma total falta de conhecimento dos factos históricos. Expõe também a imensurável hipocrisia dos teólogos da época. Não se pode culpar as massas ignorantes por equipararem Lúcifer ao diabo como lhes foi ensinado, mas os teólogos educados pela universidade, deveriam saber melhor. No entanto, perpetuam a mentira, o que mostra não só a sua falta de amor pela verdade, mas também o seu desdém pelos seus semelhantes ignorantes, que não têm tal conhecimento. Numerosas são as provas históricas de que Lúcifer nunca foi retratado como o diabo nos primeiros tempos do cristianismo.

O nome latino Lúcifer significa Portador da Luz. Era um nome familiar nos tempos antigos para Vénus, o corpo celeste mais brilhante do firmamento, depois da lua e do sol. Como Vénus-Lúcifer brilha ao fim da noite (também no início da noite, aliás), era óbvio chamá-lo de arauto ou portador de luz. Lúcifer foi também referido por nomes como a “estrela da manhã” ou a “estrela do dia” ou a “estrela luminosa”. Embora o nome Lúcifer não apareça em nenhum lugar da Bíblia original, a estrela da manhã é referida em alguns lugares.⁽²⁾ Jesus identifica-se com a estrela da manhã. “Eu sou a raiz e o descendente de David, a brilhante estrela da manhã”, diz ele.⁽³⁾ Também na Segunda Epístola de Pedro, Cristo está associado ao Portador da Luz a estrela do dia a que se chama “...uma luz que brilha num lugar escuro, até ao amanhecer do dia, e a estrela do dia surge nos vossos corações”⁽⁴⁾; assim, o Portador da Luz esforça-se por acender a luz nos corações das pessoas.

Se a ideia de Lúcifer-Venus, o Portador da Luz, era tão bem conhecida no início da era cristã, não deveria ser surpresa que os primeiros papas se chamassem Lúcifer, como Helena Blavatsky diz no artigo acima mencionado. Sabe-se também que dois bispos tinham esse nome: Lúcifer de Siena (século III-4) e Lúcifer Calaritanus († 371).⁽⁵⁾ Este último ainda é venerado como santo na Sardenha e A Igreja de Cagliari ainda celebra a festa de um Santo Lúcifer no dia 20 de Maio.

Muito mudou em mais de cem anos. No entanto, ouvimos durante as nossas palestras públicas ou dos nossos leitores que as pessoas consideram o nome Lúcifer infeliz. Uma vez, um dos nossos leitores até sugeriu que se mudasse o nome para Lúcia, porque soaria mais amigável. Mas Lúcifer é uma das muitas figuras míticas que descem do céu para fazer uma obra que é benéfica para a humanidade. E nesse mito, há um grande mistério que, se o compreendermos, é enormemente inspirador.

Prometeu

Lúcifer não é o único que desce do céu para trabalhar em prol do bem-estar da humanidade. Existem inúmeros tais mitos. Vejamos mais de perto o conhecido mito grego de Prometeu. Isto pode ajudar a compreender melhor a figura de Lúcifer.

Prometeu e o seu irmão Epimeteu estavam nas fileiras dos Titãs, filhos de Gaea (terra) e de Urano (céu). Foram encarregados por Zeus de criar seres humanos e animais e de os equipar com todas as capacidades necessárias para a sobrevivência. Foi Epimeteu, que em particular, realizou esta tarefa. O nome Epimeteu é traduzido como “visão póstuma” ou “post-pensamento”. Prometeu, que significa “antevisão” ou “previsão”, deu ao homem mais do que apenas a arte da sobrevivência. Ele trouxe o fogo solar do céu para a terra, contra a vontade do deus supremo Zeus. Foi então capturado por Cronus – o símbolo do tempo – e entregue a Zeus, que o castigou de uma forma terrível. O deus supremo ordenou que Hefesto, o ferreiro dos deuses, acorrentasse Prometeu ao Monte Cáucaso, onde uma águia bicou o seu fígado durante o dia, que voltou a crescer durante a noite.

Não é apenas a mitologia grega que relata que alguém rouba o fogo aos deuses. A Índia tem o seu próprio Prometeu, Matarisvan é o seu nome. Ele rouba Agni (fogo) e dá-o à humanidade. Muitos mitos africanos têm uma história semelhante. Pkharmat é o nome do Prometeu do povo Vainakh, que vive no Cáucaso, que roubou o fogo para a humanidade. E o folclore Maori e os mitos também

reconhecem a sua marca de luz, o seu nome é Maui. Ele também roubou o fogo aos deuses.

Talvez a comparação com o primeiro livro da Bíblia, Génesis, não seja imediatamente impressionante, mas as semelhanças entre Prometeu e a serpente do Génesis são verdadeiramente espantosas. Afinal, a serpente também exorta o homem a pensar e a ser consciente de si mesmo, e tal como Prometeu, é castigado por isso. “Porque fizeste isto, estás amaldiçoado sobre todo o gado, e sobre todo o animal do campo; sobre o teu ventre irás, e pó comerás todos os dias da tua vida” (Génesis 3:14). Também se diz que a serpente era o mais subtil de todos os animais (Génesis 3:1). Prometeu é também retratado como astuto.

Prometeu e a serpente são assim ambos seres inteligentes, seres de uma forma superior de inteligência. Eles fornecem o fogo do intelecto, sobre o qual os olhos do homem serão abertos, e “vós sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal” (Génesis 3:5). Os antigos gregos diziam que toda a civilização e todas as artes vieram de Prometeu, embora a “abertura dos olhos”, isto é, o despertar do pensamento e a sua autoconsciência a ele associada tenha levado Zeus a enviar Pandora com um pote de males. A auto-consciência leva-nos a escolher entre o bem e o mal. Além disso, na rica mitologia indiana também se atravessa a história dos rebeldes Kumāras (deuses) em diferentes lugares e em diferentes variações. São por vezes representados como iogues, jovens virgens, que vivem numa esfera celestial. Há, contudo, entre os Kumāras rebeldes que deixam a sua esfera e assim perdem a sua pureza, mas fazem este sacrifício para que possam ajudar o homem sem mente a desenvolver a autoconsciência.⁽⁶⁾ Na rica mitologia hindu, também se encontra a história de Mahasura rebelando-se contra Brahma e que é lançado no inferno Pātāla por Śiva. Nos Eddas escandinavos, algo semelhante é contado sobre Loki. Também encontramos algo como este mito na Bíblia cristã: guerra no céu.⁽⁷⁾ Infelizmente, esta história foi explicada de uma forma muito materialista. Foi apresentada como se houvesse uma vulgar disputa no céu, da qual o diabo e os seus cúmplices acabaram por ser banidos. No entanto, para aqueles que sabem olhar através das imagens, vêem a mesma mensagem inspiradora em todos estes mitos.

Essa mensagem tem muitas camadas. Há, na palavra de Helena P. Blavatsky, sete chaves aplicáveis a ela. Uma delas e para o nosso artigo a mais importante é que esses seres renunciem à sua esfera de consciência. Dão um grande passo para trás. Isto não significa que degeneram na sua própria consciência, mas que vão para um reino de existência, que na realidade já ultrapassaram. E fazem-no

por compaixão para ajudar as pessoas que vivem em mundos muito mais materiais do que os que naturalmente habitam. A consequência desse acto de compaixão é que se ligam durante muito tempo ao mundo material em que as pessoas que estão ajudando, vivem. Prometeu está preso na rocha (matéria), a cobra rasteja na sua barriga comendo o pó (matéria) e os Kumāras perdem o seu estado virgem. Mas fazem-no para ajudar a humanidade, acendendo e agitando o pensamento dentro de nós. Compare com uma pessoa feliz que vive num mundo harmonioso, que vai a bairros pobres de uma grande cidade para ajudar e inspirar os drogados a livrarem-se do seu vício. Deixa a sua própria vida luxuosa para inspirar outros a ascender a um nível superior. Bem, todos estes seres, estes seres de iluminação, podem ser chamados por um nome semelhante “Lúcifer”.

Signo de Ankh

O significado de Lúcifer é excelentemente denotado pelo artefacto egípcio original, o signo de Ankh, a chave da vida ou, como os cristãos coptas lhe chamavam, o crux ansata. É o símbolo do planeta Vénus.

Um crux ansata é uma cruz com uma pega: um círculo no topo da cruz. Na capa do Lúcifer original, o portador da luz é representado com este signo de Ankh na mão (ver ilustração). Neste signo de Ankh, encontra-se todo o significado de Lúcifer.

Pois o círculo representa o mundo divino. Este é o mundo ideal, pois durante toda a antiguidade o círculo foi considerado a figura perfeita. A cruz simboliza o mundo da matéria, no qual Lúcifer desce, não por castigo, mas por um indomável, quase rebelde, idealismo e compaixão. Qualquer pessoa que leia o drama *Prometeu Acorrentado* pelo escritor grego Ésquilo, fica impressionado com a rebelião de Prometeu, que alguns podem considerar como sendo arrogância. Mas a sua rebelião não é dirigida contra o seu próprio destino e sofrimento, mas contra todos aqueles que o persuadem a abdicar da responsabilidade pelo seu acto de dar o fogo do pensamento à humanidade. Ele não tem outra escolha senão permanecer um idealista e aceitar as consequências da sua compaixão. Qualquer pessoa que pense profundamente sobre isto percebe que aqui estamos a lidar com a essência de toda a ética.

Estas consequências são expressas no ponto em que a linha vertical da cruz se intersecta com a horizontal. A linha vertical da cruz representa o espírito que desce do círculo, o reino divino. Esta linha intersecta-se com a linha horizontal, que representa o mundo exterior. O espírito é crucificado pelo material.

Quando isto é feito voluntariamente e em nome da compaixão, este é o grande sacrifício, que é descrito florida-mente, por exemplo, nos mitos de Cristo e Prometeu. O sofrimento é aceite voluntariamente, para que se possa cumprir a função de um portador de luz.

Lúcifer é o portador da luz. Ele transforma a consciência divina em sabedoria e conhecimento, que é absorvível, concebível, compreensível para nós humanos.

Lúcifer é também Vénus, a estrela da manhã. Em grego foi chamado Fósforo. Ela, Vénus, é a “estrela” mais brilhante do firmamento. Ela está entre o sol e a terra e transforma as forças solares espirituais para nós, humanos, neste planeta azul. Falamos do Sol e de Vénus como seres vivos. O sistema solar é uma unidade viva, na qual cada um dos planetas desempenha uma função. Assim, Vénus não é apenas o planeta físico que podemos observar, é uma esfera concêntrica em torno do Sol, como todos os planetas o são. Ela desempenha exactamente a função desempenhada pela Prometeu. Esta última roubou o fogo solar e doou-o à Terra. Vénus-Lúcifer “rouba” – extrai – a sua luz e o seu poder espiritual da divindade do sistema solar, e concede-nos isso. Embora este planeta seja o planeta mais brilhante do céu, é no entanto apenas um vislumbre ligeiro em comparação com a nossa brilhante estrela do dia que, logo a seguir a ela, a estrela da manhã, nos dá a sua luz. Podemos relacionar isto conosco próprios. Pois o sol não é apenas o coração espiritual do sistema solar, há também um sol espiritual em cada ser humano. Este sol dourado dentro de nós transmite a sua sabedoria através de uma ligação e que é a Vénus ou Lúcifer interior. Isto é Prometeu ou o pensamento mais elevado e iluminado, a nossa mente superior.

Bênção e Maldição

Curiosamente, o acto sacrificial de Lúcifer não produz a felicidade humana imediata. Prometeu é tanto uma bênção como uma maldição. Afinal, apesar do seu aviso, o frasco de Pandora foi aberto de qualquer maneira, e males como a doença e a morte, o medo e a agressão tornaram-se tecidos no carácter do homem. Do mesmo modo, depois do homem comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal no paraíso bíblico, as coisas correm mal. Adão e Eva perdem o seu estado paradisíaco, vêem que estão “nus” – ou seja, sentem-se separados da Natureza – e têm de ganhar o seu sustento pelo suor do seu rosto.

Agora é assim, que pensar não conduz necessariamente à perda do estado paradisíaco. Se nos consciencializarmos da unicidade da vida, permaneceremos conscientemente

no paraíso. Se não o fizermos, seremos expulsos do “Jardim do Éden” – figurativamente falando. Mas mesmo se formos expulsos do paraíso, quase todos preferirão o sofrimento da autoconsciência a um estado animalista e inconsciente. O desafio, porém, está em aprender a usar a nossa mente, que estes seres divinos acenderam em nós, de tal forma que não nos sentimos separados dos outros, dos nossos semelhantes – com todo o egoísmo que acompanha – mas aprendemos a compreender que somos uma parte do todo. Por outras palavras, temos de regressar ao estado paradisíaco em que habitámos primeiro inconscientemente, mas agora teremos de aprender vivê-lo de forma autoconsciente. Para isso, pensar é um requisito. Essa é a bênção que nos foi dada pelos Portadores da Luz: a ligação entre a nossa divindade interior e o homem exterior.

A revista *Lúcifer*

A nossa revista *Lúcifer* também tenta ser um elo de ligação. Também nós tentamos iluminar na maneira mais brilhante possível as muitas questões que a humanidade está enfrentando. Tentamos, como Prometeu, oferecer o fogo divino do pensamento ao público. A nossa revista procura transformar a consciência divina, Teosofia, em conhecimento digerível para o homem. Por conseguinte, nunca apresentaremos os ensinamentos teosóficos como teoria. Queremos testar a Teosofia contra a prática quotidiana. Queremos aplicar os ensinamentos muitas vezes complicados às grandes e pequenas questões do homem que vive no século XXI. Nenhum assunto, nenhum problema é demasiado mundano para que possamos lançar a nossa luz.

Ao mesmo tempo, damo-nos conta de que não representamos a própria luz solar. Estamos apenas a tentar ser “*Lúcifer*”. Estamos, se as nossas tentativas forem bem sucedidas, apenas a dar às pessoas os meios para acenderem essa luz dentro de si próprias de forma independente.

Por conseguinte, estamos encantados por oferecer as nossas colunas a outros que procuram a verdade. Eles podem iluminar as questões abrangentes da humanidade a partir da sua visão ou perícia. A verdade é servida quando o maior número possível de facetas da mesma são trazidas à tona. Pois então podemos descobrir uma verdade maior, que agora se esconde por detrás das nossas pequenas verdades parciais. Qualquer tentativa sincera de descobrir a verdade, portanto, merece o nosso apoio.

Lúcifer pode ser uma plataforma onde as pessoas procuram a verdade. Mas não se limita a apenas procurar. Temos também de mostrar claramente as formas como se pode aplicar essa verdade na prática da vida. Ao fazê-lo, não

podemos ser suficientemente concretos. Por conseguinte, continuamos a descobrir e publicar soluções práticas inspiradas na Teosofia para todos os grandes problemas.

Gostaríamos de ilustrar esta forma de trabalhar com o seguinte exemplo. Na nossa última edição, tentámos contribuir para pôr fim à guerra e estabelecer a paz. Tentámos descrever as causas da guerra e mostrámos que todos podemos ser pacificadores, desde que cumpramos uma série de condições no nosso pensamento. Tentámos divulgar as nossas ideias ao maior grupo possível de pacificadores e, para tal, traduzimos a nossa revista para sete línguas. Ao fazê-lo, referimo-nos também aos trabalhadores pela paz que eram motivados por uma filosofia diferente, uma vez que no passado incluímos artigos de pessoas que trabalhavam pela paz.

Outro exemplo: do ponto de vista espiritualista, *Lúcifer* escreveu várias vezes sobre questões éticas médicas tais como transplante de órgãos, clonagem, eutanásia, manipulação de ADN. Nos Países Baixos, por exemplo, isto levou ao estabelecimento de uma fundação do mundo médico para considerar a doação de órgãos.

Um terceiro exemplo: através de artigos sobre várias religiões, tais como hinduísmo, budismo, cristianismo, e islamismo, tentámos trazer uma maior compreensão entre as diferentes religiões, demonstrando as grandes semelhanças entre elas. E também inspirámos os adeptos de uma determinada religião a penetrarem mais profundamente na sua própria. Os editores de *Lúcifer* tencionam continuar e, se possível, intensificar estas actividades.

Assim, *Lúcifer* está a tentar trazer luz à humanidade. Mas não no sentido dogmático e pedante. Como ninguém, não temos o monopólio da sabedoria. Apenas tentamos traduzir o conhecimento da Teosofia em situações práticas e assim contribuir para um mundo humano digno do sacrifício de Prometeu.

Referências

1. Ver: “What’s in a Name” e “The History of a Planet”. Incluído em *Collected Writings*. 15 volumes, The Theosophical Publishing House, Wheaton 1990, volume 8, páginas 5-14 e 14-28 respectivamente.
2. Só na tradução do *King James* da Bíblia a palavra *Lúcifer* aparece em Isaías 14,12, mas esta é uma interpolação. A palavra hebraica é *hêlêl*: estrela da manhã..
3. *Livro de Apocalipse*, 22:16.
4. *Segunda Epístola de Pedro* 1: 19.
5. Wikipedia (inglês), verbete *Lucifer of Cagliari* e *Lucifer of Siena*.
6. Ver por exemplo: H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, (primeira edição), p. 243.
7. *Livro de Apocalipse*, 12:7-12.

Perguntas e Respostas

Pratique o que prega

Tive muitos encontros com freiras católicas romanas. Elas fizeram boas obras durante toda a sua vida, não receberam qualquer pagamento e foram muito obedientes. No entanto, eram frequentemente mulheres ciumentas e desagradáveis: sem alegria e sem humor – com algumas exceções. No entanto, sacrificavam-se pela humanidade. Como é que algumas delas se tornaram mulheres tão indelicadas e infelizes?

Resposta

A questão não diz apenas respeito às freiras católicas romanas, diz na realidade respeito a todos.

Se estão verdadeiramente preocupadas com o destino dos seus semelhantes, acham esse objectivo mais importante do que os seus desejos e sentimentos pessoais. Afinal, estes últimos minam o seu sentido de responsabilidade para com todos aqueles com quem lida. Libertar-se-á de pensamentos orientados para o ego, tais como ciúmes, necessidade de dinheiro, irritações e adesão dogmática a regras (que por vezes podem fazer da vida um inferno para os outros). Aprenderá a compreender com o que as outras pessoas estão lidando e como pode realmente ajudá-las no caminho da vida. O que poderia ser mais alegre do que isso? É inspirador, encorajador, e ... nunca tem de vir à custa do seu bom humor. Normalmente, é exactamente o contrário.

Em suma, quando predominam os pensamentos orientados para o ego, nunca poderá haver serviço à humanidade ao mesmo tempo. O que importa é o nosso motivo, o carácter dos nossos pensamentos.

Dissemos que isto se aplica a todos, mas vamos usar uma ordem monástica como exemplo. Com que motivos é que alguém entra numa ordem monástica? Não há elementos pessoais (inconscientes) em jogo? E se esse motivo era originalmente benevolente, será que essa pessoa sabe como manter viva a sua aspiração no coração e na mente? Será que ele ou ela investigou previamente em que comunidades monásticas prevalece uma atmosfera de abertura, compreensão humana incondicional e pensamento independente – e em quais não prevalece?

Considere que se em qualquer comunidade eclesíastica

houver poucos que compreendam e pratiquem o lado verdadeiro e altruísta da sua religião, há poucas hipóteses de que alguém possa proteger e liderar esse grupo interiormente. E então, infelizmente, todos os tipos de características egoístas podem começar a dominar, causando danos substanciais – espirituais, intelectuais, psicológicos e por vezes físicos – àqueles que estão sob a influência desse grupo.

Outro ponto de consideração é que quem representa um movimento espiritual detém uma certa autoridade e as consequências são muitas vezes graves se ele ou ela abusar da confiança dos fiéis. Sim, o simples facto de alguém, com ou sem razão, reivindicar autoridade espiritual, tornará as consequências de acções egoístas mais graves tanto para si próprio como para os interessados, do que se alguém não assumisse essa (alegada) autoridade espiritual. Um clérigo tem a verdadeira tarefa de ser um exemplo de empatia e compreensão. Ele ou ela tem o dever, se um determinado grupo populacional for tratado injustamente, de tomar uma posição firme e de agir em conformidade. E, felizmente, sempre existiram tais clérigos. Os ideais não são objectivos distantes: podemos praticá-los a cada hora de cada dia.

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Bianca Peeters, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de fazer uma seleção e/ou de resumir as mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a partir do 22.o número gratuito da versão inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para subscrições: enviar mensagem para a sede editorial:
luciferred@stichtingisis.org.

O preço das nossas edições em papel custam €4,60 e €9,20 para uma edição dupla, excluindo portes.

Para pagamento pela internet – cartão de crédito (ver página de internet).

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou tornada pública por qualquer forma ou meios: eletrônica, mecânica, por fotocópias, gravações, ou de outra forma, sem permissão anterior da Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês] é “Stichting International Study-centre for Independent Search for truth”. A sua sede é em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de Fraternidade Universal, através da disseminação do conhecimento sobre a estrutura espiritual do ser humano e do cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar este objetivo através de cursos, organizando palestras públicas, publicando livros, brochuras e outras publicações, e recorrendo a todos os recursos disponíveis com vista a este fim. A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins lucrativos, reconhecido como o tal pela autoridade tributária dos Países Baixos. Para fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se chama de estatuto ANBI. ANBI significa Organização para o Benefício Geral (Algemeen Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos, portanto não tem rendimentos. Quaisquer lucros que resultem da venda de livros, devem ser totalmente utilizados para atividades gerais de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto, objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher requisitos de integridade.

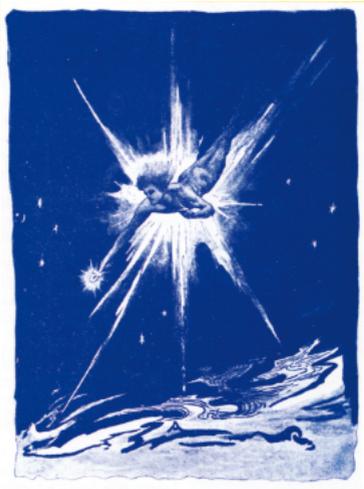
O ANBI deve ter uma propriedade separada, pelo que um diretor ou decisor não pode tomar decisões sobre esta propriedade como se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção apenas pode consistir de um reembolso de despesas e assistência. O número ANBI da Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos. É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).